

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

MAURA CRISTINA SILVA DOS SANTOS

**CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA DE LIVROS JUVENIS EM BIBLIOTECAS:
CRITÉRIOS, DECISÕES E PROCESSOS**

São Paulo

2022

MAURA CRISTINA SILVA DOS SANTOS

**CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA DE LIVROS JUVENIS EM BIBLIOTECAS:
CRITÉRIOS, DECISÕES E PROCESSOS**

Trabalho de conclusão de curso da Graduação no Bacharelado em Biblioteconomia, apresentado ao Departamento de Informação e Cultura da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Orientação: Profa. Dra. Cibele Araújo Camargo
Marques dos Santos

São Paulo

2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Santos, Maura Cristina Silva dos
Classificação Indicativa de Livros Juvenis em
Bibliotecas: Critérios, Decisões e Processos / Maura
Cristina Silva dos Santos; orientadora, Cibeles Araújo
Camargo Marques dos Santos. - São Paulo, 2022.
85 p.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Departamento de Informação e Cultura / Escola de
Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.
Bibliografia

1. Classificação Bibliográfica. 2. Classificação
Indicativa. 3. Literatura Juvenil. 4. Biblioteca Pública.
5. Biblioteca Escolar. I. Santos, Cibeles Araújo Camargo
Marques dos. II. Título.

025.3

CDD 21.ed. -

Elaborado por Alessandra Vieira Canholi Maldonado - CRB-8/6194

Nome: Maura Cristina Silva dos Santos

Título: Classificação Indicativa de Livros Juvenis em Bibliotecas: Critérios, Decisões e Processos

Aprovado em: 13/09/2022

Banca Examinadora

Nome: Prof. Dra. Cibele Araújo Camargo Marques dos Santos

Instituição: CBD/ECA/USP

Nome: Prof. Dra. Vânia Mara Alves Lima

Instituição: CBD/ECA/USP

Nome: Marivalde Moacir Francelin

Instituição: CBD/ECA/USP

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar à minha mãe, Dona Graça, por todo o incentivo e dedicação durante meus anos iniciais de vida e incentivo contínuo. Devo muito à senhora, uma migrante nordestina semi alfabetizada que trabalhava longas jornadas semanais e sempre esteve ao meu lado, me incentivando a continuar estudando e acreditando no potencial de seus filhos.

A Profa. Dra. Cibele Araújo Camargo Marques dos Santos, minha orientadora e uma das professoras mais gentis, atenciosas e sábias que tive a oportunidade de ser aluna durante os anos de USP. Obrigada por ter aceitado orientar meu trabalho de conclusão de curso.

Ao meu companheiro de quase uma década que esteve junto durante o processo de escrita e me incentivou nos momentos em que queria jogar tudo para o alto e desistir.

Aos meus familiares mais próximos que me apoiaram a seu modo durante meus anos de universidade.

A Elisangela Alves Silva, bibliotecária da Biblioteca Pública Municipal Hans Christian Andersen, pela disponibilidade e gentileza em participar da entrevista. Obrigada pelo convite e a oportunidade de passar uma tarde da Virada Cultural na Hans.

Ao bibliotecário Luiz Augusto Costa pela disponibilidade para falar sobre a vivência da Biblioteca Abaporu, local onde estive trabalhando de 2015 a 2021 e pude aprender muito juntamente com a bibliotecária Beatriz Cattani.

Às e aos docentes do Curso de Biblioteconomia do Departamento de Informação e Cultura, peças importantes em minha formação.

Às bibliotecárias e funcionários da Biblioteca da ECA pelas sugestões de leituras que foram muito úteis para o desenvolvimento deste trabalho.

À Michele Rocha pelo auxílio em etapas desse trabalho e às amigas desenvolvidas durante esses anos de graduação, finalizar esse bacharelado de maneira distante do Departamento e dos encontros com muitos de vocês foi um desafio. Espero poder encontrá-las logo.

*“— Foi você quem inventou todo esse sistema sofisticado? — ele perguntou.
Bibbi Bokken deu uma risada rouca.
— Não, esse sistema é usado em bibliotecas do mundo inteiro. Bem... existem algumas
variações. E a maioria das bibliotecas atualmente já passou a utilizar o registro por
computador...
— Que original — eu disse.
Não sei por que eu disse isso, simplesmente escapou.”
(GAARDER; HAGERUP, 2019, p. 138)*

RESUMO

Essa pesquisa objetiva verificar a existência de critérios pré-estabelecidos que orientam a decisão e o processo de classificação indicativa de livros juvenis em duas bibliotecas na cidade de São Paulo. Buscamos identificar se as bibliotecas utilizam uma classificação indicativa por faixa etária ou por fluência leitora e se possuem documentos internos para determinar a classificação dos livros juvenis; como é realizado o processamento técnico, remanejamento dessas obras e se possuem comissão de biblioteca. Como referencial teórico, nos baseamos nos trabalhos de especialistas nas áreas de Biblioteconomia e Literatura para crianças e jovens: Barbosa (1962; 1969), Langridge (2006), Simões (2011), Estabel e Moro (2014), Saarti (2019), Coelho (2000), Souza (2001), Prades (2012) e Navas (2015; 2021), Zilberman (2005), Souza (2006), Luft (2010), Cademartori (2010), Gregorin Filho (2012) e Colomer (2017). Trata-se de uma pesquisa de natureza exploratória e abordagem qualitativa, constituída de pesquisa bibliográfica e estudo de caso. Como instrumentos de coleta de dados, utilizamos um questionário online e entrevista com dois profissionais que responderam o questionário. Entendemos a “classificação indicativa” como uma notação de classificação que expressa em sua “etiqueta” público-alvo, faixa etária ou fluência leitora do livro, sendo uma forma de indicação ou recomendação para os leitores e mediadores. A pesquisa conseguiu apurar que as bibliotecas elegeram notações de classificação que consideravam suas tipologias e públicos, baseando-se em documentos elaborados para realizar o processamento técnico dos livros.

Palavras-chave: Classificação Bibliográfica. Literatura Juvenil. Classificação Indicativa.

ABSTRACT

This research aims to verify the existence of pre-established criteria that guide the decision and the process of indicative classification of juvenile books in two libraries in the city of São Paulo. We seek to identify whether libraries use an indicative classification by age group or reading fluency and if they have internal documents to determine the classification of juvenile books; how the technical processing is carried out, relocation of these works and if they have a library commission. As a theoretical framework, we are based on the work of specialists in the areas of Librarianship and Literature for Children and Young People: Barbosa (1962; 1969), Langridge (2006), Simões (2011), Estabel and Moro (2014), Saarti (2019), Coelho (2000), Souza (2001), Prades (2012) and Navas (2015; 2021), Zilberman (2005), Souza (2006), Luft (2010), Cademartori (2010), Gregorin Filho (2012) and Colomer (2017). This is an exploratory research with a qualitative approach, consisting of bibliographic research and a case study. As data collection instruments, we used a questionnaire via Google Forms that had 19 responses, and an interview with two professionals who participated in the first stage. We understand the "indicative rating" as a rating notation that expresses in its "label" the target audience, age group or reading fluency of the book, being a form of indication or recommendation for readers and other mediators. The research was able to determine that the libraries, each one restricted to its typology, chose classification notations that considered their typologies and audiences, based on documents prepared to carry out the technical processing of juvenile books and other available works. In both, dialogue is the main operational tool in their daily lives to deal with criticisms or controversies in relation to certain titles and about the permanence of books in the collection.

Keywords: Bibliographic Classification. Youth Literature. Parental rating.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 O QUE É CLASSIFICAÇÃO?	11
2.1 A Classificação Indicativa Brasileira (Ou uma Classificação Indicativa para Livros é Possível?)	14
3 ORIGEM DA LITERATURA JUVENIL	20
3.1 Surgimento de uma Literatura para crianças e adolescentes	20
3.2 A Literatura para crianças e jovens no Brasil	22
3.2.1 Fase Inicial (Século XIX e início do Século XX)	22
3.2.2 Fase de Transição (Início do Século XX a Década de 60)	24
3.2.3 Fase de Expansão (Década de 70 - Atualidade?)	25
4. DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA	29
4.1 Metodologia Utilizada	29
4.2 Dados Coletados e Resultados	30
4.2.1 Entrevista 1: Biblioteca Pública Municipal	33
4.2.2 Entrevista 2: Biblioteca Escolar Particular	36
4.3 Observações de outras classificações para obras de Literatura Juvenil	42
4.4 Comentários após as entrevistas	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	52
APÊNDICE A - Perguntas da Entrevista	55
APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	57
APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da Entrevista 1	60
APÊNDICE D - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da Entrevista 2	63
APÊNDICE E - Transcrição da Entrevista 1	66
APÊNDICE F - Transcrição da Entrevista 2	72

1 INTRODUÇÃO

Recordo-me de uma das primeiras idas à Biblioteca Pública Municipal Sylvia Orthof localizada dentro da Subprefeitura de Santana/Tucuruvi, zona norte de São Paulo. Acredito que devia ter entre 13 ou 14 anos. Na primeira ida, desajeitadamente, pedi informações de como poderia “emprestar livros”, por ser menor de idade, recebi uma autorização que foi assinada por minha mãe e dias depois, retornei para realizar meu cadastro. Após ter em mãos meu primeiro cartão de biblioteca, uma das funcionárias fez um pequeno passeio mostrando-me como a biblioteca estava organizada, a seção infantil, os “livros de pesquisa”, as obras de literatura para adultos e a seção juvenil.

Bibliotecas foram espaços que me marcaram na adolescência, da experiência desagradável com a biblioteca “fechada” da escola estadual aos corredores da Sylvia Orthof onde andava livremente e realizava empréstimos de livros que me interessavam. Após a adolescência, continuei procurando novas bibliotecas e também sendo encontrada por elas. Quando morei na cidade de Caravelas, litoral sul da Bahia, uma professora que estava realizando estágio com o Ensino Médio, vendo que eu gostava de ler, propôs que eu poderia realizar empréstimos na biblioteca da escola municipal que ficava a minutos da minha casa. Da seção juvenil da Sylvia Orthof, tive contato com livros que até hoje me emocionam, “Coração de Tinta”, de Cornelia Funke e a trilogia “Fronteiras do Universo”, de Philip Pullman, além de ter tido contato com obras como Laranja Mecânica e A cor púrpura que não consegui finalizar à época, mas foram leituras que me encontraram anos mais tarde. Da biblioteca escolar da escola municipal, localizada no distrito de Barra de Caravelas, “Leonardo e a invenção mortal” foi uma das leituras que até hoje recordo e tenho vontade de ler novamente.

A leitura sempre esteve presente em meu cotidiano, em alguns momentos de forma mais ativa, da participação em clubes de leitura (em livrarias, bibliotecas e até mesmo dentro do Departamento de Informação e Cultura, com os quatro encontros do Clubinho de Leitura da Biblio) a criação de postagens em blogs sobre o que estava lendo. A Literatura Juvenil sempre foi meu foco de interesse, pois eram as obras que mais gostava de ler e conversar a respeito, anos depois cruzei o caminho com a Literatura Infantil e desde então, venho vislumbrando as possibilidades e a materialidade das obras de Literatura Infantil de hoje e de ontem.

Quando iniciei minha jornada de trabalho em bibliotecas, tanto as obras de Literatura Infantil quanto as Juvenil foram alvo de interesse e dedicação, enquanto lia e

conhecia mais aproveitava para as descobertas e indicava para os leitores em potencial. Após iniciar os estudos na área de Biblioteconomia e começar a realizar as ações de processamento técnico, novamente me sentia instigada com a complexidade das informações contidas em singelas etiquetas brancas coladas nas lombadas dos livros, enquanto leitora e estudante de Biblioteconomia.

Nosso problema de pesquisa surgiu após a leitura de um livro de Literatura Juvenil, não poderia ter sido de outra forma. A classificação da obra “Quinze Dias”, de Vitor Martins (2017) me fez questionar sobre os critérios que norteavam a classificação de obras literárias para adolescentes, os livros eram classificados por idade ou fluência leitora, apresentavam alguma identificação diferenciada em suas etiquetas em relação aos demais livros do acervo? As obras de Literatura Juvenil ficavam em locais separados? Os profissionais que faziam o processamento desses livros possuíam algum conhecimento para classificar essas obras?

As hipóteses iniciais que levantamos são as de que os bibliotecários podem utilizar de repertório pessoal, conhecimento do público-alvo da unidade e constante atualização a respeito de obras de literatura, filmes etc. direcionados a público jovem para realizar a classificação das obras de Literatura Juvenil. A partir dessas hipóteses, o objetivo geral de nossa pesquisa é verificar a existência de critérios pré-estabelecidos que orientam a decisão e o processo de classificação indicativa de livros juvenis em duas bibliotecas na cidade de São Paulo. Temos como objetivos específicos, definir o que é Classificação, apresentar alguns sistemas de classificação bibliográficos e a concepção de Literatura Juvenil; identificar se a biblioteca utiliza uma classificação indicativa por faixa etária ou por fluência de leitura e se possuem documentos internos para determinar a classificação dos livros juvenis; constatar como é feito o processamento técnico (catalogação, classificação, identificação dos itens etc.) das obras de Literatura Juvenil na biblioteca e por último, verificar se as bibliotecas fazem remanejamento de obras literárias (juvenis) que podem ser alvo de “censura” de pais e/ou responsáveis pelos usuários menores de idade ou se possui comissão de biblioteca para discutir temas abordados em determinados livros.

Na segunda seção discorreremos sobre o que é classificação e sistemas de classificação. Tomamos como base, os trabalhos de Barbosa (1962;1969), Simões (2011), Langridge (2006), Estabel e Moro (2014) e Saarti (2019). Finalizamos ela apresentando a “Classificação Indicativa Brasileira” e considerações sobre adoção de faixas etárias para “classificar” livros por Coelho (2000), Souza (2001), Prades (2012) e Navas (2015; 2021).

A terceira seção deste trabalho apresenta a origem da Literatura Juvenil traçando uma linha do tempo da origem das primeiras publicações até a consolidação de uma Literatura

direcionada ao público juvenil, a partir dos estudos de Zilberman (2005), Souza (2006), Luft (2010), Cademartori (2010), Gregorin Filho (2012) e Colomer (2017).

A seção seguinte apresenta o percurso metodológico de nossa pesquisa de natureza exploratória e abordagem qualitativa constituída de pesquisa bibliográfica e estudos de casos. Como instrumentos de coleta de dados, utilizamos um questionário via Formulários Google que contou com 19 respostas, e entrevista com dois profissionais que participaram da primeira etapa. Apresentamos os dados obtidos e resultados da primeira etapa e em seguida, realizamos alguns comentários após as duas entrevistas que foram transcritas e estão disponíveis nos apêndices E e F. A primeira entrevista foi realizada presencialmente na Biblioteca Hans Christian Andersen, biblioteca pública municipal da cidade de São Paulo. Já a segunda, realizada em plataforma de videochamadas online, com o bibliotecário da Biblioteca Abaporu pertencente à instituição de ensino Colégio Rainha da Paz, em ambas as entrevistas foi possível conhecer mais sobre as bibliotecas, seus sistemas de classificação e as especificidades no processo de classificar e arranjar os livros de Literatura Juvenil.

Após o período de pesquisa e investigação, chegamos às Considerações Finais, Nossa pesquisa originou-se da curiosidade de uma estudante de Biblioteconomia que desejava saber como os livros eram classificados, especialmente aqueles que a fizeram leitora e acreditamos que essa intenção obteve resultados satisfatórios que podem abrir possibilidades para estudos futuros.

2 O QUE É CLASSIFICAÇÃO?

“O homem com o sorriso presunçoso ficou tirando livros das estantes, e lembro que nessa hora eu pensei que acharia melhor se ele me convidasse para uma partida de bilhar.

Ele colocou um luxuoso volume sobre a geleira de Jostedalsbreen de volta na estante, virou-se para mim e disse:

— Bela biblioteca...

Em algum lugar deve ter tocado um sininho na minha cabeça, mas um daqueles que ficam lá longe, tão longe que só ouvi quando ele acrescentou:

— O hotel tem muitos livros interessantes. Pena que estejam todos misturados, sem nenhum sistema de organização.

Fiquei tão perplexa que disse:

— O senhor deveria dar uma olhada na biblioteca municipal. Lá eles usam Dewey.

Ele sorria o tempo todo, e então ergueu a sobrancelha.

Fiquei pensando um tempo e depois me arrisquei a dizer:

— Se o senhor se interessa por montanhas, vales e coisas assim, encontrará esse assunto entre os números 550 e 559”.

(GAARDER; HAGERUP, 2019, p. 119)

“Se o senhor se interessa por montanhas, vales e coisas assim, encontrará esse assunto entre os números 550 e 559”, a última frase da epígrafe que inicia nossa seção é um trecho do livro “A Biblioteca Mágica de Bibbi Bokken” dos noruegueses Jostein Gaarder e Klaus Hagerup. Trata-se de um livro “endereço” ao público juvenil que apresenta uma narrativa epistolar com um mistério envolvendo uma biblioteca que ainda não existe, um livro que ainda não foi escrito e uma bibliófila que ama livros e introduz os jovens narradores, o casal de primos, Berit e Nils ao mundo dos sistemas de classificação.

O ato de classificar está presente em nosso cotidiano, segundo Barbosa (1962, p.1), classificar trata-se de um processo de reunião de seres, ideias ou objetos em grupos “de acordo com o seu grau de semelhança”. O verbo Classificar deriva do vocábulo “classis” e foi utilizada “na antiga Roma, para dividir os cidadãos romanos segundo o grau de sua riqueza e importância” (1962, p. 1).

A principal finalidade da classificação aplicada aos livros em uma biblioteca é de ordená-los da melhor maneira para o uso por seus leitores, uma coleção de livros apenas reunidos, sem obedecer um “princípio sistemático” não deve ser considerada como uma coleção classificada (Barbosa, 1969, p. 15). Ao entrarmos em uma biblioteca que possui seu acervo organizado respeitando um princípio sistemático, podemos observar que os livros seguem uma ordenação numérica, as etiquetas presentes nas lombadas identificam a

localização e com o uso do acervo, o leitor poderá familiarizar-se com as sequências numéricas e conseguir localizar nas estantes as prateleiras de livros que tratam dos assuntos que deseja saber mais, por exemplo, montanhas e vales. Para que isso ocorra a biblioteca deve dispor de um sistema de classificação.

As primeiras classificações eram de naturezas “filosóficas, científicas ou até metafísicas” (Barbosa, 1962, p. 2) e possuíam a finalidade de dividir os conhecimentos humanos. Platão, Aristóteles, Porfírio, Martinus Capella, Cassiodoro, Conrad Gessner, Francis Bacon e Auguste Comte foram alguns dos pensadores que cada um em seu período estabeleceram classificações para os conhecimentos humanos, alguns a partir de trabalhos de seus antecessores¹.

Os sistemas de classificação são determinados por características e agrupados em classes e subclasses com a finalidade, resumidamente, de localizar um livro e identificar seu assunto. A classificação bibliográfica é o foco de interesse do nosso trabalho, pois uma classificação bibliográfica busca organizar e arranjar acervos que estejam facilmente acessíveis para os leitores consultarem e retirarem os itens de sua preferência.

As classificações podem ser divididas em enumerativas, mistas e facetadas, segundo Simões (2011, p. 153):

- a) enumerativas: “apresentam uma hierarquia, na maioria dos casos, vincada e enumeram de forma exaustiva os assuntos que a compõem. Dão grande relevância ao aspecto analítico”. Por exemplo: Classificação Decimal de Dewey e a Classificação da Biblioteca do Congresso.
- b) mistas: “apresentam simultaneamente características dos sistemas enumerativos e dos sistemas facetados. São as que privilegiam ao mesmo tempo o aspecto analítico e o sintético”. Por exemplo: Classificação Decimal Universal.
- c) facetadas: “contrariamente às enumerativas, não dispõem os assuntos de forma exaustiva, devido ao facto de apresentarem expedientes que lhes permitem construí-los, não apresentam uma hierarquia excessiva e privilegiam a síntese”. Por exemplo: Classificação Colon (Classificação dos dois pontos).

A classificação é uma linguagem artificial porque durante o processo de agrupamento de itens pelos assuntos abordados na obra, acontece uma troca de nomes, termos pelo que é chamado de “notação de classificação” que consiste no uso de símbolos ou sinais

¹ BARBOSA, A. P. Classificação dos Conhecimentos. In: _____. **Classificação**, 1969. p. 3-9.

que correspondam ao assunto ali tratado. Além da “notação de classificação” utiliza-se também a “notação de autor” que indica a autoria da obra. Juntas essas duas notações constituem um “número de chamada”². A função do número de chamada é individualizar o livro dentro da coleção onde ele está inserido.

A notação de uma classificação é fator importante para a aceitação do sistema, já que precisa ser simples, facilmente memorável e bastante elástica, de modo a permitir expansões de novos assuntos.

Pode ser *simples* ou *pura* - quando se usa somente letras ou números e *mista*, quando usa ambos simultaneamente. (BARBOSA, 1969, p. 17, grifo do autor)

Estabel e Moro (2014, p. 27) listam as vantagens que a classificação do acervo traz para uma biblioteca: localização, devolução para a coleção, retirada e empréstimo de forma simplificada, rápida e eficiente; reunir e agrupar livros semelhantes em várias línguas e edições, inserir novos livros na coleção sem afetar a ordenação lógica.

Langridge (2006, p.19) escreveu que a Biblioteconomia “consiste na seleção, organização e disseminação do conhecimento apresentado em várias formas físicas” e a “técnica mais importante utilizada no processo de organização é a classificação”:

Como os livros têm sido através dos tempos o meio mais importante para a comunicação do conhecimento, a expressão CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA é comumente usada como sinônimo para CLASSIFICAÇÃO EM BIBLIOTECA. Tanto uma expressão quanto a outra infere o uso da classificação não só para o arranjo do acervo em estantes (algumas vezes chamado de CLASSIFICAÇÃO DE ESTANTE) mas também para o arranjo de entradas de assuntos em catálogos, índices e bibliografias.

ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO é a expressão mais abrangente para designar a função da biblioteca desempenhada pela classificação. Indica habilidade não apenas para identificar itens de informação específicos e definidos de forma precisa, mas também para demonstrar a completa gama de assuntos disponíveis na biblioteca e suas relações entre si. Essa é uma função Educacional muito importante das bibliotecas e que tem sido um pouco negligenciada nos modernos estudos de classificação. (LANGRIDGE, 2006, p. 19)

“Enquanto alguns escritores afirmam que uma única classificação em biblioteca pode e deve ser feita para atender a todos os propósitos. Outros afirmam que esquemas diferentes são necessários para propósitos diferentes” (LANGRIDGE, 2006, p. 51). A tipologia da biblioteca e o público que atende irá influenciar sobre a escolha e utilização de uma única ou mais classificações.

Para Langridge, “O assunto é o nosso principal interesse na classificação de biblioteca” (2006, p.), no entanto, existem opiniões diferentes sobre a questão de adotar uma

² BARBOSA, A. P. Classificar. In: _____. **Teoria e prática dos sistemas de classificação bibliográfica**. Rio de Janeiro: Instituto brasileiro de bibliografia e documentação, 1969. p. 17.

única classificação de assunto para todos os propósitos de uma biblioteca. Saarti (2019, online) aponta que uma das principais características dos estudos de classificação e indexação de Literatura “tem sido o problema de identificar os aspectos que valem a pena indexar e/ou classificar” (2019, tradução nossa). Segundo o autor, pode-se dividir os estudos sobre classificação de Literatura ficcional “em duas categorias - aqueles que discutem a classificação de prateleira de ficção e aqueles que acreditam que a classificação deve ser um meio para fornecer uma descrição do conteúdo da ficção”³. Saarti aponta que a classificação de determinados títulos em “prateleiras de ficção” tem uma longa tradição nas bibliotecas anglo-americanas. Essa maneira de desenvolver uma classificação de prateleira de ficção pode acontecer de três formas:

A primeira forma é separar alguns gêneros bem conhecidos do acervo (o autor usa o termo “fiction stock”) e que são os mais populares entre os usuários da unidade. Como exemplifica Saarti, “romances policiais são considerados uma classe de prateleira distinta em quase todas as bibliotecas públicas”.

A maneira seguinte é separar a ficção popular do restante do acervo de ficção e organizar estes itens de acordo com os gêneros literários a que *pertencem*, “Normalmente aqui, os gêneros de ficção mais populares são guardados separadamente, por exemplo, ficção científica, romance, thrillers e ficção policial” (SAARTI, 2019, online, tradução nossa).

Já a terceira forma seria a de tentar classificar todo o acervo de ficção. Para isso, pode-se usar duas abordagens: classificar todo o acervo, “sem qualquer distinção entre ficção recreativa e ficção séria”⁴ ou o acervo é dividido em duas classes principais (ficção recreativa e séria) para em seguida ser dividido em subcategorias.

A partir das contribuições de autores clássicos e contemporâneos da Biblioteconomia, percebemos que a classificação é uma atividade que está presente em nosso cotidiano. O ato de classificar se estende desde a Antiguidade e os atuais sistemas de classificação são partes substanciais para a sistematização de acervos em bibliotecas.

2.1 A Classificação Indicativa Brasileira (Ou uma Classificação Indicativa para Livros é Possível?)

³ Disponível em <https://www.isko.org/cyclo/fictional#3>. Acesso em 25 abr. 2022.

⁴ Original em inglês: “the whole stock is divided into classes without any distinction made between recreational and serious fiction”. Disponível em <https://www.isko.org/cyclo/fictional>. Acesso em 25 abr. 2022.

Nesse subtópico discorreremos sobre a “Classificação Indicativa Brasileira”, política pública de Estado consolidada há mais de duas décadas e considerações sobre adoção de faixas etárias para “classificar” livros. Julgamos necessário a presença desse tópico em nosso trabalho, pois em nossas pesquisas iniciais, ao pesquisarmos os termos “Classificação Indicativa”, muitas das pesquisas retornavam sobre a “Classificação Indicativa Brasileira” (Classind), cujos símbolos⁵ são disponibilizados nos aparelhos televisivos e materiais audiovisuais:

Figura 1 - Símbolos da Classificação Indicativa Brasileira



Fonte: Reprodução de tela (2022).

A Classind é um processo democrático que não visa censurar e sim informar os pais e/ou responsáveis por crianças e adolescentes sobre faixas etárias que são indicadas para programação de “televisão aberta e fechada; mercado de cinema e vídeo; serviços de streaming e vídeo por demanda; jogos eletrônicos, aplicativos; jogos de interpretação de personagens – RPG e espetáculos abertos ao público” com o intuito “de informar aos pais, garantindo-lhes o direito de escolha” (2021, p. 5).

A Classificação Indicativa Brasileira está a cargo da Secretaria Nacional de Justiça (SNJ), estrutura do Ministério da Justiça. A atuação dessa secretaria “decorre de previsão constitucional regulamentada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente⁶ e é disciplinada por Portarias do Ministério da Justiça”⁷.

Como observamos, não existe uma Classificação Indicativa para livros no Brasil, apenas para obras audiovisuais. No entanto, de 2011 a 2013, na Câmara dos Deputados esteve em análise o Projeto de Lei nº 1936/11 de autoria do Deputado Jefferson Campos que acrescentaria um artigo à Lei nº 10.753, de 31 de outubro de 2003, que “Institui a Política Nacional do Livro”. O Projeto de Lei nº 1936/11 em questão tinha como objetivo

incluir, na capa de todo título publicado no País, a informação objetiva referente à faixa etária a que ele se destina, com o intuito de orientar a escolha das leituras pelos jovens leitores e por seus educadores, de modo a evitar que conteúdos impróprios sejam lidos por aqueles que não estão preparados para compreendê-los ou para absorvê-los com a devida reflexão.

⁵ Apresentados na página 69 do documento “Classificação Indicativa: Guia Prático”. Disponível em https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/seus-direitos/classificacao-1/paginas-classificacao-indicativa/CLASSINDA_UDIOVISUAL_Guia_27042022versaofinal.pdf. Acesso em 19 mai. 2022.

⁶ Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em 01 out. 2020.

⁷ Disponível em <https://www.justica.gov.br/seus-direitos/classificacao/guia-pratico/classind-guia-pratico-de-audiovisual-3o-ed.pdf>. Acesso em 01 out. 2020.

Para justificar o Projeto de Lei, o deputado utilizou-se de dados da 2ª Edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (realizada em 2007 e publicada em 2008)⁸ que indicavam - à época - que a faixa da população que mais lia era a de crianças de 5 a 10 anos de idade (16%), adolescentes de 11 a 17 contabilizados juntos somavam 23%⁹. Campos ainda afirma que “54% dos entrevistados que se declararam leitores são estudantes que leem livros indicados e/ou fornecidos pelas escolas (inclusive os didáticos). Entre eles, o índice de leitura sobe para 4,7 livros ao ano”¹⁰. Diante desse dado, o autor afirmava ser “preciso cuidar, portanto, para que a leitura que chega às mãos desses jovens seja adequada à sua idade e à sua maturidade emocional e intelectual.”

No texto do Projeto de Lei em questão, o deputado argumentava que a “mídia nacional tem divulgado interminável série de escândalos envolvendo livros didáticos de conteúdo impróprio adotados pelas escolas brasileiras”, e que a escolha do material didático e paradidático acontecia de forma superficial, o que poderia levar em “algumas vezes, a despeito da boa intenção dos envolvidos, a equívocos de graves proporções”. Campos finaliza a proposta afirmando que “tornar obrigatória a publicação de classificação etária indicativa na capa de todo livro publicado no País é medida que contribuirá sobremaneira para a qualificação da leitura efetuada por nossas crianças e jovens”.

Em 11 de setembro de 2013, a Comissão de Cultura¹¹ rejeitou a proposta do Projeto de Lei que até aquela data tramitava em caráter conclusivo. A relatora do parecer, a Deputada Fátima Bezerra, argumentou que os integrantes da Comissão consideram “que a adoção da obrigatoriedade para que todas as editoras fixem na capa do livro a classificação etária indicativa pode gerar, como consequência, algum tipo de cerceamento do pleno exercício do direito de acesso e uso do livro” (2013, p. 3), o que iria contra o inciso I do Art. 1º da Lei nº 10.753, de 2003: “I - assegurar ao cidadão o pleno exercício do direito de acesso e uso do livro”.

⁸ Desde 2008, a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil realizada pelo Instituto Pró-Livro já contou com outras três edições, com apoio da Abrelivros, CBL e SNEL, a 3ª Edição (realizada em 2011) e 4ª Edição (realizada em 2015) e a mais recente, a 5ª. edição (realizada no ano de 2019 e publicada em 11 de setembro de 2020, co-realização do Itaú Cultural. Todas as edições da Retratos da Leitura no Brasil podem ser acessadas em <https://www.prolivro.org.br/pesquisas-retratos-da-leitura/as-pesquisas-2/>. Acesso em 15 set. 2022.

⁹ Na edição mais recente da Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil. Crianças de 5 a 10 anos, totalizavam 11,7% do público leitor e adolescentes, de 11-13 anos (6,5%) e 14-17 (9,8%). Sendo a faixa etária que mais lê são pessoas de 30-39 anos, contabilizando 18,2 % (dados de 2019).

¹⁰ No entanto, na página 35 da é informado para a questão “Quem são os leitores de livros no Brasil: “47,4 milhões (50%) dos leitores são estudantes que lêem livros indicados pelas escolas (inclusive didáticos)”

¹¹ Relatório da Comissão de Cultura. Disponível em https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=node0jwhnop2hw5nflpepd9o90hp1g513570280.node0?codteor=1126705&filename=Tramitacao-PL+1936/2011. Acesso em 26 abr. 2022

Os principais pontos levantados pela Deputada Fátima Bezerra em seu relatório foram: inconvenientes de ordem prática que afetariam o trabalho dos editores e comprometeria “o processo de produção e circulação de livros” em território nacional. Ela pontua que no de 2011 foram publicados 58.192 novos títulos, se todos os títulos publicados no países fossem submetidos a uma classificação por faixa etária, caberia ao órgão responsável por essa classificação a “hercúlea tarefa de ler e avaliar integralmente o conteúdo dos cerca de sessenta mil livros publicados no Brasil por ano”.

Na “Lei do Livro” consta como “diretriz o apoio à livre circulação do livro no País”, a única exigência é a adoção do ISBN (Número Internacional Padronizado) e ficha catalográfica, elementos importantes “para a correta identificação e circulação do livro”.

Bezerra relembra que o Estatuto da Criança e do Adolescente “já estabelece medidas preventivas para que as obras inadequadas não sejam lidas por nossas crianças e adolescentes” e que a exigência de classificação indicativa etária pode ser vista “como cerceamento do direito à livre manifestação do pensamento – espécie de censura que contraria os direitos e garantias fundamentais do cidadão estabelecidos pela Carta Magna de 1988”.

Antes de votar contra o Projeto de Lei, a relatora argumenta que

No processo de desenvolvimento social que percorremos, em que nossa sociedade se torna cada vez mais democrática e mais cidadã, espera-se que as políticas de Estado promovam efetivamente a prática da leitura e a familiaridade com o livro na vida dos brasileiros. No País de leitores que desejamos, acreditamos que cabe confiar a tarefa de orientar as escolhas das nossas crianças e adolescentes, não à autoridade pública, mas aos próprios mediadores da leitura – pais, professores, bibliotecários, livreiros e outros leitores. (2013, p. 6)

Julgamos importante para nossa pesquisa abordar esse Projeto de Lei e o parecer da comissão que o rejeitou, pois a discussão sobre adotar faixas etárias para livros é um debate que pode acontecer entre várias instâncias da sociedade, de pais e responsáveis por jovens leitores a profissionais da educação, passando pelo mercado editorial. A editora da Revista Emília¹², Dolores Prades¹³, argumenta que uma adoção de faixas etárias para indicar os leitores de um determinado livro, “além de promover uma nivelção arbitrária, reduz e limita a vida e a abrangência dos livros”:

A diversidade dos níveis leitores entre os leitores de uma mesma idade, seja pelas diferenças de escolaridade, culturais ou econômicas – como a proposta alternativa de Nelly Novaes Coelho de conceituação, não mais por idade, mas por nível leitor – já

¹² Criada em 2010, a Revista Emília nasceu como uma revista on-line, mas atualmente é uma “Organização da Sociedade Civil (OSC) sem fins lucrativos que atua na produção de conteúdos de qualidade e gratuitos, na formação de leitores e na promoção do livro e da leitura”. Disponível em <https://emilia.org.br/quem-somos/>. Acesso em 25 abr. 2022.

¹³ No artigo “Livro tem idade?”, de 2 de outubro de 2012. Disponível em <https://emilia.org.br/livro-tem-idade/>. Acesso em 24 abr. 2022.

puseram por terra a adoção de faixas etárias há algumas décadas. A sobrevivência das faixas etárias, tal como persiste hoje, atende exclusivamente a exigências do mercado escolar. (PRADES, 2012, online)

A professora Nelly Novaes Coelho, uma maiores pesquisadoras no campo da Literatura para crianças e jovens, afirma que a inclusão da criança ou adolescente-leitor(a) em determinada categoria vai além de sua faixa etária, pois vai depender do inter-relacionamento de “sua idade cronológica, nível de amadurecimento biopsíquico-afetivo-intelectual e grau ou nível de conhecimento/domínio do mecanismo da leitura” e com base nisso, “as indicações de livros para determinadas “faixas etárias” sejam sempre *aproximativas*” (COELHO, 2000, p. 32. grifo do autor). Os princípios orientadores propostos¹⁴ por Coelho citados por Prades são os seguintes:

Tabela .. - Princípios orientadores propostos por Nelly Novaes Coelho:

<p>Pré-leitor que abrange duas fases: Primeira infância (dos 15/17 meses aos 3 anos) e Segunda infância (a partir dos 2/3 anos);</p> <p>Leitor iniciante (a partir dos 6/7 anos);</p> <p>Leitor-em-processo (a partir dos 8/9 anos);</p> <p>Leitor fluente (a partir dos 10/11 anos) e</p> <p>Leitor crítico (a partir dos 12/13 anos).</p>
--

Fonte: Adaptado de Coelho (2000).

O leitor crítico, ou seja, o adolescente a qual se destinam os livros de Literatura Juvenil, para Coelho é o indivíduo que possui total domínio da linguagem escrita, leitura e profunda capacidade de reflexão, o que possibilita uma ida mais a fundo no texto. Essas e esses leitores encontram-se numa

Fase de desenvolvimento do pensamento reflexivo e crítico, empenhados na leitura do mundo, e despertar da consciência crítica em relação às realidades consagradas... [...] A ânsia de viver funde-se com a ânsia de saber, visto como o elemento fundamental que leva ao fazer e ao poder almejados para a auto-realização. (2000, p. 39)

Para Prades, a existência e sobrevivência das faixas etárias para obras literárias “atende exclusivamente a exigências do mercado escolar” e que sua origem faz “parte de todo um aparato maior que pouco a pouco vai sendo criado para orientar o trabalho de “leitura literária” dentro da escola”:

Desde o início, e isso coincide com o momento de afirmação internacional da “literatura infantil e juvenil” das décadas de 1950/1960, a indicação da idade foi uma

¹⁴ COELHO, N. N. A Literatura e os estágios psicológicos da criança. In: _____. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000. p. 33-40.

forma de orientação dos mediadores (família, escola, etc) que, pela primeira vez, se deparavam com uma produção voltada especificamente para um destinatário que não era diretamente ele. Esse apoio para a escolha dos títulos por mediadores pouco sintonizados com a natureza dessa nova produção e com uma oferta de mercado cada vez maior talvez tenha tido o seu papel nestes primórdios. (PRADES, 2012, online).

O que antes era uma orientação, nas palavras de Prades, “se transformou numa camisa de força” tanto para os mediadores que viram reféns desses critérios quanto dos livros que podem se perder ou esgotar na faixa etária e ainda questiona: “Quem inventa e determina esses limites e critérios?”

Na maior parte das vezes não é nem o autor, nem o ilustrador, mas o editor que quando recebe um original lhe dá forma para encaixá-lo no seu catálogo. E assim, se muitos textos originalmente podem servir a muitas idades, a escolha do ilustrador, do formato, da tipologia, a própria concepção do produto dada pelo editor o coloca dentro de uma das gavetas que ele mesmo criou. (PRADES, 2012, online).

Questionar essa rigidez dos indicadores e recursos criados pelo mercado editorial (guias de leitura, fichas, cadernos de apoio etc.) não quer dizer que “toda e qualquer orientação seja descartável, principalmente numa realidade onde muitos mediadores (sejam familiares ou professores) efetivamente não estão conectados com o mundo da leitura e desconhecem muitos de seus códigos e de suas possibilidades” (PRADES, 2012, online). Desse modo, as orientações, sugestões e “indicação” de um público para determinada obra pode auxiliar os mediadores que estão no processo de estabelecer pontes entre os livros e leitores em potencial. Souza (2001, p 33) indaga “se os jovens — ou aqueles que escolhem ou indicam livros para jovens, principalmente os professores — precisariam estar amarrados a uma catalogação por idade?”, para essa pesquisadora, a “catalogação” ajudaria se

servisse como uma espécie de mediação...; uma pré-seleção feita por leitores interessados na formação de leitores efetivos... Afinal, poderíamos chamar de literatura juvenil não apenas os livros produzidos para jovens, mas também os escritos por eles, os da literatura sem idade que os jovens fizeram seus, os que se consideram convenientes para jovens, os efetivamente lidos por jovens...” (SOUZA, 2001, p. 33).

Finalizamos essa seção com as considerações de Navas (2021) que acredita que existam obras que apesar de “atingir os diferentes públicos” possuam um endereçamento preferencial a certos grupos, no entanto, Navas aponta que não devemos limitar “uma obra a um único público”. Quando um livro literário endereçado aos adolescentes extrapola a sua classificação ou público inicial, temos uma demonstração de que este livro possui a capacidade de dialogar com o seu leitor esperado, o adolescente, e aqueles que já passaram por este período social.

3 ORIGEM DA LITERATURA JUVENIL

Para iniciar uma seção que se propõe a definir o que é a Literatura Juvenil decidimos seguir por um “caminho”. Ao contrário da estrada que não levava a lugar algum da fábula de Gianni Rodari¹⁵, o caminho que tomamos nos levou até algumas questões: O que seria a Literatura Juvenil? Há uma Literatura para jovens? Jovem ou adolescente? Conceituar apenas a Literatura Juvenil e suplantar a sua irmã “mais velha”, a Literatura Infantil? Essas duas Literaturas não são a mesma coisa?

Ao nos depararmos com esse final de estrada tão inquisitivo, as leituras escolhidas (ou encontradas em suas margens) foram as responsáveis por responder as perguntas que, aos poucos, foram parando - uma a uma - de se acotovelar na tentativa de ser respondida primeiro. Estas olharam ao redor e se surpreenderam ao perceber que a sua dúvida talvez (só, talvez) fosse sanada quando aquela outra fosse respondida.

Iniciamos dizendo que esta seção objetivava definir o que é a Literatura Juvenil, no entanto, o percurso textual escolhido não dirá o que é ou não é a LJ. A seção e suas subseções tentarão chegar a uma “observação” do que é esse gênero literário, a quem se destina, principais autores e obras. Em uma das paradas (que não poderia faltar) discorreremos, brevemente, sobre a produção literária brasileira direcionada às crianças e adolescentes. Tentamos neste momento apresentar desde os primórdios, as principais fases e como a LJ brasileira “encontra-se” atualmente.

3.1 Surgimento de uma Literatura para crianças e adolescentes

As Literaturas Infantil e Juvenil são gêneros literários endereçados¹⁶, respectivamente, às crianças e adolescentes. O surgimento de livros direcionados a esses grupos etários é um fenômeno da modernidade. A primeira a surgir é a Literatura Infantil que “nasce” juntamente com o conceito de infância. Colomer estabelece a seguinte divisão quanto ao surgimento da Literatura para crianças e adolescentes:

- as obras anônimas da literatura de tradição oral que no século XIX passaram a destinar-se à infância.
- as obras de autor, que compreendem tanto as que foram escritas deliberadamente para este público como as que foram incorporadas à leitura infantil ou adolescente durante o processo de sua difusão social. (COLOMER, 2017, p. 133)

¹⁵ RODARI, G. **A estrada que não levava a lugar nenhum**. São Paulo: Editora 34, 2016.

¹⁶ Começamos a utilizar o termo “endereçoamento” e similares após ler Navas (2015) e Cademartori (2010).

No Século XVIII, surge a necessidade de uma Literatura destinada às crianças, pois foi a partir desse período que “a infância começou a ser considerada como um estágio diferenciado da vida adulta”¹⁷. Em seguida, com a ampliação da obrigatoriedade da escola, na metade do Século XIX, apresenta-se a necessidade de materiais de leitura direcionados aos indivíduos que começavam a frequentar os bancos escolares:

A adoção de determinados títulos como livros de leitura explica, por exemplo, o êxito de vendas de alguns títulos concretos ao longo da história da literatura infantil, como os das Fábulas de La Fontaine na França (o livro mais vendido durante toda a primeira metade do século XIX, com 240 edições), e Robinson Crusoe na maioria dos países europeus ou El Juanito na Espanha [...] (COLOMER, 2017, p. 155).

Ao longo do Século XIX e primeiras décadas do Século XX, a produção literária direcionada aos jovens leitores foi expandida progressivamente. Foram criados “tipos de gêneros” que ao longo de suas edições e traduções demonstraram uma exímia capacidade de conexão com esse público. Relembrando que muitos dos livros que se consagraram como clássicos da Literatura Infantil e Juvenil, não foram escritos para as crianças como público primeiro: “Robinson Crusoe”, de Daniel Defoe, publicado em 1719, por exemplo.

Colomer lista os principais títulos publicados neste período e os classifica em quatro tipos de narrativas: 1) Aventura, 2) Realistas com Protagonistas Infantis, 3) Com Personagens Animais e 4) Humor ou Fantásticas¹⁸. Em sua seleção, observa-se a presença das obras que “foram escritas deliberadamente” para as crianças e adolescentes, bem como os livros que foram incorporados à leitura para esses grupos etários durante o processo de difusão da prática social da leitura.

É recorrente definir que a Literatura Juvenil é uma Literatura endereçada a indivíduos que tenham idade entre 12 e 17 anos, pois as obras circunscritas a esse gênero propõem um diálogo com adolescentes que tenham a mesma idade ou estejam passando pelos mesmos conflitos que as personagens dos livros. A adolescência, assim como a infância, é uma categoria histórica e social que altera-se ou é entendida de formas distintas conforme os grupos sociais (COLOMER, 2017).

A Literatura Juvenil ocupa um lugar de “fronteira no sistema cultural”, pois faz

fronteira com a Literatura Infantil que os adolescentes estão abandonando nesse momento, com a Literatura Adulta legitimada oferecida pela escola nesta etapa, com a literatura de grande público consumida também pelos jovens e com os mundos de ficção do audiovisual. (COLOMER, 2017, p. 242).

¹⁷ COLOMER, T. **Introdução à Literatura Infantil e Juvenil atual**. São Paulo: Global, 2017. p. 154.

¹⁸ COLOMER, T. **Introdução à Literatura Infantil e Juvenil atual**. São Paulo: Global, 2017. p. 155-166.

Nas obras endereçadas aos jovens leitores, observa-se “a presença de temas que, durante muito tempo, foram deles ocultados: drogas, aborto, política, questões raciais e de gênero”, que são apresentados criticamente nas obras de Literatura Infantil e Juvenil, “convidando o jovem a refletir e agir em relação a tais temas” (NAVAS, 2015, p. 84).

3.2 A Literatura para crianças e jovens no Brasil

Para contar como a produção de Literatura para crianças e jovens iniciou-se no Brasil, utilizaremos a divisão apontada por Souza (2006, p. 77), que afirma que a “Literatura Infantojuvenil”¹⁹ brasileira passou por três momentos significativos.

3.2.1 Fase Inicial (Século XIX e início do Século XX)

No Brasil os primeiros livros para crianças começam a ser escritos e publicados no final do Século XIX quando o país se encontrava em uma transição de regime político: a monarquia - que desde 1840 tinha Dom Pedro II como Imperador - dava lugar à República. Esse período também é marcado pela “ascensão de uma classe média urbana, desejosa de ver suas reivindicações atendidas. [...] Essa classe média responsabiliza-se doravante pelas mudanças ocorridas no país, e em nome dela revoluções, avanços e retrocessos acontecem” (ZILBERMAN, 2005, p. 15).

Incorporado a esse processo, essas primeiras publicações surgiram também para atender “às solicitações indiretamente formuladas pelo grupo social emergente”²⁰. Com um novo mercado surgindo, os escritores precisavam atendê-lo, no entanto, sem uma “tradição” para dar continuidade, pois ainda não se escrevia livros para crianças no país, recorreram às seguintes saídas:

- traduzir obras estrangeiras;
- adaptar para os pequenos leitores obras destinados originalmente aos adultos
- reciclar material escolar, já que os leitores que formavam o crescente público eram igualmente alunos e estavam se habituando utilizar o livro didático;
- apelar para a tradição popular, confiando em que as crianças gostariam de encontrar nos livros histórias parecidas aquelas que mães, amas de leite e escravas contavam em voz alta, desde quando elas eram bem pequenas (ZILBERMAN, 2005, p. 15-16)

¹⁹ Apesar de alguns autores utilizarem o termo “infantojuvenil” para se referir às obras de literatura para crianças e jovens, priorizamos o uso dos termos Literatura Infantil e Juvenil.

²⁰ ZILBERMAN, R. **A Literatura Infantil Brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005. p. 15.

O continente europeu ofereceu modelos de como escrever para crianças, “Robinson Crusoé” e “As Viagens de Gulliver” foram duas obras célebres adaptadas, abreviadas e simplificadas “para leitura dos meninos Ingleses, e até hoje circulam pelo mundo com mais facilidade nesse formato reduzido que na versão integral”²¹. As narrativas da tradição oral que circulavam e eram contadas por e para adultos também mudaram de destinatário quando foram transcritas e publicadas visando o público infantil: na França, nas mãos de Charles Perrault e, na Alemanha, pelos irmãos Jacob e Wilhelm Grimm. Assim como o que ocorrera aos romances de Defoe e Swift, essas narrativas antes da tradição oral “transformaram-se em sinônimo de literatura infantil, dificultando o retorno à condição original”²².

Os responsáveis pelas produções iniciais de livros para crianças em território nacional repetiram o modelo europeu, foram eles:

- Carlos Jansen (1829-1889) que traduziu “Robinson Crusoé”, “As Viagens de Gulliver”, “Dom Quixote de La Mancha” e “Aventuras maravilhosas do celeberrimo Barão de Munchhausen”²³.
- Figueiredo Pimentel (1869-1914) que publicou os “Contos da Carochinha” (1894), coletânea de contos populares, fábulas, contos da tradição oral e contos de fadas europeus (Grimm, Andersen e Perrault).

Contemporâneas aos trabalhos de Jansen e Pimentel, foram editados os primeiros livros didáticos nacionais:

Chamavam-se, muito deles, *Seletas*, *Antologias* ou *Livros de Leituras*, e eram adotados pelos professores, que os recomendavam aos alunos ou reproduziam, em voz alta, trechos deles para todo o grupo. Nem todas essas obras restringiam-se à sala de aula, e algumas tornaram-se a leitura favorita de nossos tataravós. (ZILBERMAN, 2005, p. 18)

Conforme Luft (2010, p. 111) baseando-se em Lajolo e Zilberman (1985, p. 44) essa fase é marcada pelas traduções e adaptações de primeiras edições de Portugal ou mesmo do Brasil, no entanto, direcionadas aos leitores adultos. São textos marcados por um modelo europeu com a intencionalidade de apresentar “situações exemplares de aprendizagem”, preocupação com a linguagem e a limpidez textual, as obras vão refletir as “virtudes do texto e das boas intenções do autor” (2010 *apud* 1985, p. 44).

²¹ ZILBERMAN, R. A **Literatura Infantil Brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005. p. 16.

²² ZILBERMAN, R. A **Literatura Infantil Brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005. p. 17.

²³ Disponível em <https://digital.bbm.usp.br/view/?45000020340&bbm/6744#page/9/mode/1up>. Acesso em 24 set. 2021

No início do Século XX, há uma solidificação da produção de livros para as crianças: “na qual se constata a presença de protagonistas infantis, embora retratados de forma estereotipada, representantes de um projeto educativo e ideológico que via na escola e nos textos destinados a crianças e jovens aliados imprescindíveis para a formação de cidadãos” (LUFT, 2010. p. 112.)

Carlos Jansen e Figueiredo Pimentel pertencem a essa “fase inicial”, devemos passar para a segunda fase ou a “fase de transição” que teve como maior representante o escritor paulista Monteiro Lobato, o criador das personagens Emília, Narizinho, Pedrinho, Tia Anastácia, Dona Benta, Visconde de Sabugosa e tantos outros.

3.2.2 Fase de Transição (Início do Século XX a Década de 60)

Segundo Souza (2006), a fase de transição da Literatura para crianças e adolescentes no Brasil, foi um período que durou da primeira década até os anos 60 do Século XX. Textos estrangeiros eram traduzidos e adaptados, ao mesmo tempo que obras nacionais eram publicadas, havia uma variedade de publicações, de livros “de cunho nacionalista, de conhecimento de nossas raízes pelo folclore e de exaltação à natureza tornam-se comuns ao lado de outros que enfatizam a diversão, o lúdico e a fantasia” (SOUZA, 2006, p. 81).

Nesse período nasce a Literatura Infantil brasileira e Monteiro Lobato é a figura principal desse momento histórico. Como afirma Cademartori (2010, p. 42), sua produção constituiu um “padrão do texto literário destinado à criança”. A narrativa “lobatiana” apresenta “Elementos como ludicidade, trabalho apurado na linguagem” e fantasia que “fazem parte do novo tipo de narrativa que se inicia” (SOUZA, 2006. p. 87).

Segundo Zilberman (2005, p. 34), o escritor paulista foi responsável, enquanto editor e autor, por uma produção que fez com que a Literatura Infantil aparecesse “no horizonte das editoras como um negócio rentável, razão por que elas se sentiram à vontade para publicar outros autores nacionais”. A autora afirma que, se não fosse assim, os editores nacionais continuariam a traduzir obras estrangeiras ou adaptar títulos já consagrados, como acontecera no final do século anterior, tendo sido Monteiro Lobato um precursor na história do mercado editorial nacional.

Gregorin Filho aponta que as principais características da Literatura para o jovens e também para crianças, ainda na primeira metade do Século XX, foram:

o didático sobrepondo-se ao literário; a larga proliferação de documentários; o apelo ao fantástico feérico, pois a representação do homem era dotada de grandes poderes sobrenaturais, que construíam o super-herói; a atração pela natureza livre e pela vida

natural longe da civilização, já que esta se encontrava contaminada pelas forças ditas do mal; e a natureza muitas vezes vinda de poderes sobrenaturais (Popeye – o poder do espinafre). Com tudo isso, foram lançadas obras que tendiam ao niilismo literário (GREGORIN FILHO, 2012, p. 19-20)

A partir dos anos 50, com o campo educacional passando por novas estruturações, instala-se um período “de crise de leitura”, enquanto as histórias em quadrinhos tornavam-se produto lucrativo, havia um movimento para “promover no país uma realidade educacional distante desse tipo de publicação, considerado responsável pela falta de interesse dos jovens pela leitura”:

Algumas características marcantes da literatura para jovens na época são: o tradicional maniqueísmo certo e errado; a divulgação da literatura como entretenimento e não somente como suporte pedagógico (isso para fazer frente aos quadrinhos); a fabulação com travessuras na cidade e no campo; e o descompasso entre as vanguardas literárias e a renovação da literatura para crianças e jovens. Evidentemente, a literatura em quadrinhos se expandia com força total! (GREGORIN FILHO, 2012, p. 20).

A década de 60, segundo Gregorin Filho, foi um período “de repressão e de propostas utilitaristas para a leitura literária, poucos escritores surgiram na literatura juvenil brasileira” e observa-se que “a representação do mundo na literatura para jovens tornou-se compatível com o discurso educacional de então, que servia à manutenção da ideologia imposta pelo regime político”²⁴. Finalizamos a “Fase de Transição” com a reflexão de Souza que observa que, após Lobato, houve uma desigual produção para as crianças e jovens brasileiros, pois “de um lado havia tentativas de ligação com o novo, o moderno; de outro, permanecia o tradicional camuflado de novo, uma sintaxe lingüística moderna e um conteúdo tradicional ou exemplar” (2006, p. 90).

3.2.3 Fase de Expansão (Década de 70 - Atualidade?)

A “Fase de Expansão” da Literatura direcionada às crianças e jovens é apontada por estudiosos como sendo a Década 70, podendo ser considerada como um período de “Boom da Literatura” e “um momento ímpar e bastante promissor”²⁵. Houve um

[...] empenho das editoras em melhorar a qualidade do material impresso, em aumentar o número de exemplares publicados e manter uma certa regularidade de lançamentos. [...] aumento considerável do número de escritores e ilustradores e a produção literária passa a apresentar uma grande e diversa variedade temática. (SOUZA, 2006, p. 91).

²⁴ GREGORIN FILHO, J. N. Breve Percurso Histórico da Literatura Juvenil. In: _____. **Literatura Juvenil: adolescência, cultura e formação de leitores**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012. p. 21.

²⁵ SOUZA, G. P. C. B. de. **A Literatura Infantojuvenil Brasileira Vai Muito Bem, Obrigada!** São Paulo: DCL, 2006. p. 91.

A Literatura para crianças produzida a partir dessa época ganhou espaço junto ao público e a escola, além de tornar-se sinônimo de qualidade literária. Os autores desse período privilegiaram a voz do jovem e a colocaram no papel, além de explorarem seu “universo cotidiano (com todos os seus conflitos) para serem lidos, vistos, sentidos e vivenciados, com uma proposta de diálogo, e não de imposição de valores, por intermédio de uma literatura que busca a arte” (GREGORIN FILHO, 2012, p. 22)

Um fato histórico ocorrido no fim da “segunda fase” foi a criação da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ)²⁶, no ano de 1968. A FNLIJ é a seção brasileira da International Board on Books for Young People (IBBY). Promove projetos “que beneficiam direta ou indiretamente a infância e a adolescência para a formação de leitores”. Uma das suas principais ações é o Prêmio FNLIJ criado em 1974, este (desde 1975), promove uma premiação destinada às melhores publicações para crianças e adolescentes nas seguintes categorias: Criança, Jovem, Imagem, Informativo, Poesia, Livro Brinquedo, Teatro, Teórico, Reconto, Literatura em Língua Portuguesa, Tradução/Adaptação Criança, Tradução/Adaptação Jovem, Tradução/Adaptação Informativo, Tradução/Adaptação Reconto, Revelação Escritor, Revelação Ilustrador, Melhor Ilustração e Projeto Editorial. A Categoria Jovem foi incluída no prêmio em 1978, oportunidade para a ampliação e consolidação de mais obras destinadas aos adolescentes.

Outro fator que beneficiou o aumento de obras destinadas aos jovens leitores, de acordo com Souza, foi a política cultural da leitura iniciada nos anos 20 com os escolanovistas. A Lei de Diretrizes e Bases (LDB), de 1961 “recomendava a leitura de autores nacionais em sala de aula, o que serve de estímulo ao livro infantil e juvenil” (2006. p. 95). Esse contexto cultural e educacional proporcionou um crescimento cada vez maior da Literatura direcionada aos jovens e às crianças. Nessa fase também acontece o reconhecimento de diversas autoras e autores que já possuíam uma carreira literária anterior.

A partir da década de 80, ocorre uma expansão massiva do mercado literário destinado às crianças e adolescentes²⁷. Os livros nesse período variam de conteúdo e temas o que possibilitou a continuidade de adoção desses materiais de leitura nas escolas, já que “Por meio da produção de caráter mais didático, essa literatura continua auxiliando a escola na formação do cidadão/leitor” (SOUZA, 2006. p. 109), ao mesmo tempo em que surge uma

²⁶ Mais informações sobre a criação da FNLIJ podem ser obtidas nesse documento: <https://www.fnlij.org.br/site/images/documentos/o-que-e-a-fnlij.pdf>. Acesso em 25 nov. 2021

²⁷ O trabalho de Lajolo e Zilberman, “Literatura infantil brasileira: uma nova, outra história” (PUCPress; FTD), de 2016 faz um percurso por livros publicados nas últimas três décadas fazendo uma reflexão sobre essas produções literárias, discutindo tendências e rumos da produção endereçada às crianças e adolescentes.

produção literária mais focada em estabelecer vínculos e atender aos interesses dos grupos leitores. Na década seguinte, a “prosperidade” para as Literaturas Infantil e Juvenil nacionais ainda cresce, pois muitos autores que iniciaram suas carreiras nas duas décadas anteriores continuaram a publicar neste período, enquanto novos nomes surgiam.

As mudanças que podem ser observadas na Literatura direcionadas “preferencialmente a jovens e crianças na contemporaneidade”, segundo Diana Navas, dialogam com o “atual contexto histórico-cultural, a literatura infantil e juvenil abordam, de forma crítica, mudanças sociológicas no que diz respeito à família, à multiculturalidade, assim como novas preocupações e valores sociais” (2015, p. 84). Nota-se também modificações da estrutura ficcional, fragmentação, quebra da linearidade, intertextualidade e o desnudamento do processo ficcional são elementos que não se restringem mais à narrativa dita “adulta”:

A incorporação desses elementos na estrutura narrativa contribui, decisivamente, para o redimensionamento do papel de participação do leitor na (re)construção do texto literário, o qual é convidado a participar, a reescrever, a revisitar outros textos. Rompendo com o pressuposto de uma leitura inocente, o leitor é convidado a resolver as ambiguidades criadas pelo texto, a conectar as diferentes partes da história, a integrar as vozes distintas que se fazem ouvir, a reconhecer as referências intertextuais que a ele se apresentam, a sair da narrativa e colocar-se em uma posição distanciada. Em outras palavras, trata-se de uma produção que conduz o leitor a adquirir uma postura mais ativa face ao texto, haja vista ter que cooperar explicitamente com ele. (NAVAS, 2015, p. 85)

Chegamos ao fim da estrada que nos levou a algumas observações a respeito da Literatura Juvenil, assim como, seu nascimento e sua expansão enquanto gênero literário que tem marcado presença na contemporaneidade. Nos últimos anos tem se observado a criação de selos editoriais focados na publicação de obras direcionadas ao público juvenil²⁸, outro aspecto a ser observado são os influenciadores digitais que dedicam-se à indicação de obras de Literatura Juvenil em redes sociais (Instagram, Tik Tok e Youtube).

A interlocução entre as editoras que publicam livros para o público juvenil e os influenciadores digitais que criam conteúdos para esses leitores finais cumpre a função de contagiar o público juvenil que terá em eventos literários um espaço de interação no qual eles podem estabelecer diálogos com os autores, ilustradores e leitores como eles.

No ano de 2022 ocorreram dois eventos literários voltados à Literatura Juvenil, o FLIJ.PUC 2022 (I Festival de Literatura Jovem da PUC-SP)²⁹ que reuniu profissionais que

²⁸ Editora Seguinte, Globo Alt, Editora Naci, Galera Record, Kapulana, Plataforma 21, Rocco, Gutenberg são algumas das editoras que possuem grande parte do catálogo ou foco na publicação de obras juvenis nacionais ou internacionais direcionadas ao público jovem.

²⁹ Realizado nos dias 11 e 12 de agosto de 2022 na Biblioteca de São Paulo (zona norte de São Paulo).

atuam em diferentes esferas da literatura para jovens, no primeiro dia do evento ocorreu o Simpósio de Literatura Jovem, “evento acadêmico que tem como objetivo ampliar a discussão acerca desse tema, fortalecendo os diálogos e expandindo os olhares desse campo ainda pouco valorizado dentro da nossa cultura”, já no segundo dia, pode-se “conhecer e conversar com autores de diferentes editoras parceiras, em mesas temáticas e diversas”³⁰. O segundo evento a ser destacado foi a FLIPOP (Festival de Literatura Pop) “com foco nos jovens leitores, que discute temas como representatividade e leitura na adolescência. Criado pela Editora Seguinte em 2017, o festival atualmente é realizado em parceria com diversas editoras”³¹, possui a missão de “criar um espaço seguro e acolhedor para que leitores possam trocar experiências entre si, encontrar seus escritores favoritos e descobrir novas leituras”.

Acreditamos que escutar os adolescentes seja uma forma para estabelecer vínculos entre os profissionais de bibliotecas e os leitores adolescentes, afinal, se pararmos para ouvir e se interessar pelas leituras que os jovens estão fazendo poderemos conhecer novos autores, novos olhares, entender o que eles gostam ou não gostam, além de trazer mais diversidade para a sessão de obras juvenis que pode ser composta por obras clássicas a lançamentos editoriais impulsionados pelo sucesso virtual.

³⁰ Informações retiradas do site oficial da FLIJ.PUC: <https://www.flijpuc.com/sobre>. Acesso em 31 ago. 2022.

³¹ Informações retiradas do site oficial da FLIPOP. Disponível <https://www.flipop.com.br/>. Acesso em 31 ago. 2022.

4. DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

4.1 Metodologia Utilizada

Tratando-se de uma pesquisa de natureza exploratória e abordagem qualitativa, nossa metodologia foi constituída de pesquisa bibliográfica e estudo de caso. Conforme Severino (2008, p. 123), a pesquisa de natureza exploratória visa “levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto” e a pesquisa bibliográfica considera pesquisas anteriores, materiais impressos/digitais, como livros, artigos, ensaios e documentos legais.

Como instrumentos de coleta de dados, utilizamos um questionário via Formulários Google e entrevista. Na primeira etapa, enviamos por e-mail ou por mensagem na rede social Instagram o convite e link para o questionário online. O questionário foi elaborado com perguntas destinadas a “levantar informações escritas por parte dos sujeitos pesquisados, com vistas a conhecer a opinião destes sobre os assuntos em estudo” (2008, p. 125) e continha questões abertas e fechadas de múltipla escolha e dissertativas.

Nosso segundo procedimento operacional foi a entrevista que é uma “Técnica de coleta de informações sobre um determinado assunto, diretamente solicitadas aos sujeitos pesquisados”, desenvolvemos uma entrevista estruturada com “questões direcionadas e previamente estabelecidas, com determinada articulação interna” (2008, p. 125). Nossas entrevistas inicialmente foram previstas para acontecer em formato virtual em decorrência do contexto de pandemia de Covid-19 (Sars-Cov-2)³², no entanto, após a flexibilização e abertura de equipamentos culturais com medidas de distanciamento social e uso de máscaras de proteção, colocamos como opção ao profissional convidado a realização da entrevista presencialmente.

Após o envio de convites por e-mail para os profissionais que sinalizaram interesse em participar da próxima etapa, obtivemos a resposta de apenas dois profissionais. Uma bibliotecária do Sistema Municipal de Bibliotecas de São Paulo e de um bibliotecário de uma escola particular. Considerando que nosso objetivo geral era o de realizar duas entrevistas, trabalhamos com essa meta e conseguimos atingir o número estipulado de participantes. As bibliotecas participantes de nossa pesquisa foram: Biblioteca Pública Municipal Hans Christian Andersen e a Biblioteca Abaporu, ambas localizadas na cidade de São Paulo.

³² Iniciamos este trabalho no segundo semestre de 2021 e começamos a etapa de entrevistas no primeiro semestre de 2022.

As próximas subseções apresentarão os dados coletados nas duas etapas, questionário e entrevistas, assim como tecerão alguns comentários a respeito de outras quatro bibliotecas que não foram entrevistadas, porém os sistemas de classificação empregados por elas para o acervo de Literatura Juvenil foram utilizadas como exemplos em nosso estudo, são elas: Biblioteca Arno Dreschers (Colégio Humboldt), Biblioteca Municipal Terezinha França de Mendonça Duarte (Prefeitura de Hortolândia), Biblioteca de São Paulo e Biblioteca Parque Villa-Lobos (bibliotecas públicas estaduais paulistas). Na última subseção buscaremos relacionar as respostas dos profissionais entrevistados considerando nosso problema de pesquisa, objetivos e hipóteses iniciais.

4.2 Dados Coletados e Resultados

A nossa primeira coleta de dados consistiu na elaboração de um questionário pela plataforma Formulários Google com 6 questões de múltipla escolha. O convite para participar foi enviado a uma lista de e-mails de bibliotecas escolares (particulares e públicas) e bibliotecas públicas localizadas na cidade de São Paulo e também por mensagens nos perfis das bibliotecas dos CEUs³³ na rede social Instagram. Tivemos um total de 19 respostas, a maior quantidade de respostas foi oriunda da tipologia **Escolar (particular)**, obtivemos 2 respostas para **escolar (pública)** e 5 para **biblioteca pública**.

Figura 2 - Pergunta 1

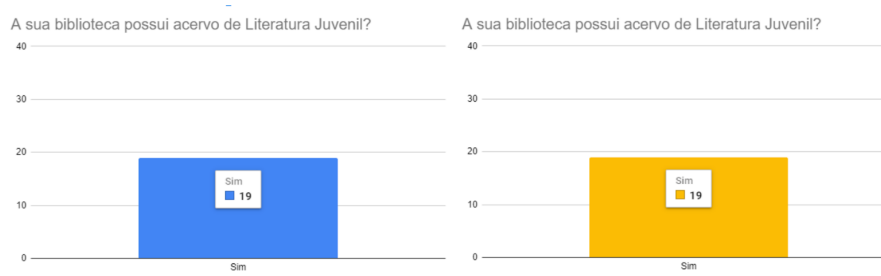


Fonte: Nossa Autoria (2022).

³³ Os Centros Educacionais Unificados (CEUs) são equipamentos educacionais que começaram a serem implantados em São Paulo a partir do ano de 2002, possui três escolas municipais (CEI, EMEI e EMEF), polos de ensino superior a distância gratuitos, sua estrutura também apresenta além de uma biblioteca, teatro, piscinas, teatro, salas de dança, estúdios, ateliês, quadras esportivas. Mais informações sobre os CEUs podem ser obtidas na página <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/centroseducacionaisunificados/>. Acesso em 07 jul. 2022.

Quanto aos cargos ocupados pelos participantes, a função de **Bibliotecária(o)** apareceu em 14 respostas, já os demais **Assistente**, **Pedagoga**, **Gerente de Acervo**, **Coordenadora da Biblioteca** e **Estagiário** contaram com 1 resposta para cada uma dessas funções. Todas as respostas foram afirmativas para as questões “A sua biblioteca possui um Sistema de Classificação?” e “A sua biblioteca possui acervo de Literatura Juvenil?”.

Figura 3 - Perguntas 3 e 4



Fonte: Nossa Autoria (2022).

A quinta questão “As obras de Literatura Juvenil são classificadas utilizando o Sistema de Classificação ou possuem uma classificação própria?” era uma pergunta aberta na qual os participantes puderam dissertar a respeito. Dividimos as respostas em três categorias:

I. Classificação Própria:

1. “Nas bibliotecas públicas municipais, os juvenis é utilizado a letra F”
2. “São classificadas por F + Cutter”
3. “Classificação própria, para facilitar a localização dos materiais aos alunos. Ex. Fj (Ficção Juvenil)”
4. “O acervo juvenil utiliza de uma classificação própria, de acordo com a sua temática, por exemplo, Aventura, Drama, Teatro, Humor, etc.”
5. “Classificação Própria”
6. “Possui sistema de classificação própria”
7. “Classificação própria”
8. “Possuem uma classificação própria”
9. “Própria”

II. Sistema de Classificação:

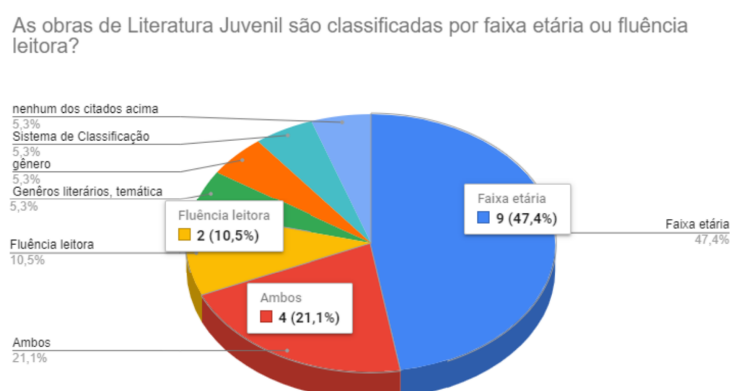
1. “Sistema de Classificação (CDD)”

2. “Classificação Indicativa e CDD”
3. “Usamos a CDD”
4. “Sistema CDD 22 ED”
5. “classificação”
6. “Sistema de classificação CDD”

III. Sistema “misto”:

1. “Para literatura juvenil utilizamos 808.068, e dividimos os livros por nível de ensino (fund. I, fund. II e Ensino médio). A literatura infantil fica em outro espaço.”
2. “Além da CDD. Fizemos uma adequação colocando letras na frente da classificação.”
3. “Um mix dos dois”

Figura 4 - Pergunta 6



Fonte: Nossa Autoria (2022).

Na sexta e última questão (“**As obras de Literatura Juvenil são classificadas por faixa etária ou fluência leitora?**”), obtivemos as seguintes respostas: “Faixa etária” - 9 respostas, “Fluência Leitora” - 2 respostas e “Ambos” - 4 respostas, além das seguintes respostas alternativas: Gênero literário ou temática - 2 respostas, Sistema de Classificação - 1 resposta, Nenhum dos citados acima - 1 resposta.

O questionário foi finalizado com a pergunta “**Você aceitaria participar da segunda etapa dessa pesquisa com a realização de uma entrevista por vídeo (utilizando plataforma online, Zoom ou Meet)?**”, 8 profissionais responderam que aceitariam participar da segunda etapa e 3 responderam que “Talvez” aceitassem participar.

Após a primeira etapa, como já explicitado no início dessa seção, enviamos por e-mail a alguns profissionais que responderam o primeiro questionário o convite para uma entrevista que poderia ser realizada presencialmente ou online.

Na próxima subseção apresentaremos as informações obtidas nas entrevistas realizadas com a bibliotecária Elisangela Alves Silva da Biblioteca Pública Municipal Hans Christian Andersen (Sistema Municipal de Bibliotecas de São Paulo) e com o bibliotecário da Biblioteca Abaporu do Colégio Rainha da Paz.

4.2.1 Entrevista 1: Biblioteca Pública Municipal

A entrevista foi realizada em 28 de maio de 2022 com a bibliotecária Elisangela Alves Silva da **Biblioteca Pública Municipal Hans Christian Andersen**. Inaugurada em 9 de julho de 1952, foi a primeira biblioteca pública³⁴ da zona leste, na década de 60 recebeu o nome do seu patrono, Hans Christian Andersen. No ano de 2007 se tornou Temática em Contos de Fadas. Possui um “acervo comum a todas as bibliotecas” do SMB³⁵, mas possui um acervo “voltado para contação de histórias, para arte narrativa”, além do acervo temático, a biblioteca realiza “cursos, oficinas voltadas para contação de histórias” e programação cultural para todas as idades.

Elisangela apresenta o acervo da biblioteca e mostra como ele está organizado, explica que “Na maioria das bibliotecas públicas [...] é de acordo com o espaço físico disponível”. Na sala onde estávamos é localizado “o acervo para o público adulto” e a Literatura Juvenil está na primeira sala da biblioteca, onde também localiza-se as “classes iniciais, referências, depois vem o 00, conhecimento geral e até chegar na parte de literatura”. Na sala seguinte, está uma parte do acervo infantil, jornais, revistas, DVDs e audiolivros. Na área do castelinho, a maior parte do acervo de Literatura Infantil.

A biblioteca utiliza como sistema de classificação a 21ª edição da CDD – Classificação Decimal de Dewey e a LCSH (Library Congress Subject Headings) para cabeçalhos de assuntos. Quanto à notação de classificação, a Hans possui algumas especificidades, os livros de contos de fadas recebem a sigla CONF + Cutter, já os livros de

³⁴ A biblioteca pública, segundo a IFLA, é “a porta de acesso local ao conhecimento” ao fornecer “as condições básicas para uma aprendizagem contínua, para uma tomada de decisão independente e para o desenvolvimento cultural dos indivíduos e dos grupos sociais” (1994, p. 1). Disponível em <https://www.ifla.org/wp-content/uploads/2019/05/assets/public-libraries/publications/PL-manifesto/pl-manifesto-pt.pdf>. Acesso em 05 jul. 2022.

³⁵ Sistema Municipal de Bibliotecas de São Paulo.

Literatura Infantil e Juvenil recebem as letras I e F, respectivamente, I + Cutter, para os livros infantis e F + Cutter para os juvenis.

Figura 5 - Livro “Quinze Dias” e a notação de classificação utilizada para o título (F + Cutter do autor)

DETALHE DA OBRA (SMC)

Ficha: Visualizar MARC: Visualizar Referência/ABNT Dublin Core

Tipo: Livro

Título: Quinze dias

Responsabilidade: Vitor Martins

Autoria Principal: Martins, Vitor, autor

Ano: 2017

Imprensa: São Paulo (SP) : Globo Alt, 2017

Descrição: 207 p. ; 23 cm

Idioma: Português

Suporte: Papel

ISBN: 9788525063151

CDU: *

CDD: **F**

Assunto:

1. [Literatura infantojuvenil](#)
2. [Histórias de amor](#)
3. [Homossexualidade](#) ▶ [Ficção](#)
4. [Histórias de amizade](#) ▶ [Ficção](#)
5. [Adolescentes](#) ▶ [Ficção](#)

Documentos:

Ligações:

Nota resumo: Felipe está esperando por esse momento desde que as aulas começaram: o início das férias de julho. Finalmente ele vai poder passar alguns dias longe da escola e dos colegas que o maltratam. Os planos envolvem se afundar nos episódios atrasados de suas séries favoritas, colocar a leitura em dia e aprender com tutoriais no YouTube coisas novas que ele nunca vai colocar em prática. Mas as coisas fogem um pouco do controle quando a mãe de Felipe informa que concordou em hospedar Caio, o vizinho do 57, por longos quinze dias, enquanto os pais dele estão viajando. Felipe entra em desespero porque a) Caio foi sua primeira paixãozinha na infância (e existe uma grande possibilidade dessa paixão não ter passado até hoje) e b) Felipe coleciona uma lista infinita de inseguranças e não tem a menor ideia de como interagir com o vizinho. Os dias que prometiam paz, tranquilidade e maratonas épicas de Netflix acabam trazendo um turbilhão de sentimentos, que obrigarão Felipe a mergulhar em todas as questões mal resolvidas que ele tem consigo mesmo. Editora.

Exemplar(es): Enviar email

N.A.	Biblioteca	Seção	Coleção	Localização Física	Situação
5834604	CEU Parque São Carlos			F M386q	Emprestado
5904760	CEU Pêra Marmelo			F M386Vq	Disponível
5176335	Mário de Andrade. Seção Circulante			F M386Vq	Emprestado
5474145	Mário de Andrade. Seção Circulante			F M386Vqu e. 2	Emprestado
5394940	Monteiro Lobato. Seção de Bibliografia e Documentação			F M386qd	Sob agendamento

Comentários (0)

Resenhas (0)

Fonte: Reprodução de tela (2022).

O processamento técnico de todos os livros é feito na Central de Bibliotecas, na Hans é realizado o processo de etiquetagem. A biblioteca não utiliza elementos visuais (etiquetas coloridas, adesivos etc.) para determinar a classificação do acervo juvenil, apenas a notação de classificação já citada.

Quanto à seleção de títulos, a biblioteca possui uma orientação para “adotar livros mais recentes” que estejam “de acordo com a Nova Ortografia” e que a biblioteca não tenha no acervo. Quando recebem doações de livros que não se enquadram nessa orientação, eles são disponibilizados no “Pegue, Leve”. Elisangela salienta que a biblioteca “preza muito pelo acolhimento, seja para uma doação, para uma informação, para uma pesquisa... Então, por isso a gente acaba recebendo todos os tipos. Mas o que entra mesmo no acervo é se for um livro que a gente não tenha no acervo”.

A Hans recebe indicações de livros pelos usuários e outras são feitas pela própria equipe, “Algumas são que a gente mesmo sente falta aqui no acervo”, mas acontecem muitas indicações que são selecionadas pela equipe, pois algum título indicado “não corresponde à realidade da nossa biblioteca”. A biblioteca “faz as indicações para compras de livros, mas as compras vão para uma área, um setor de compras específico” que realiza a aquisição. Mensalmente, realizam uma lista de sugestões que é enviada para a CSMB³⁶, mas o fato dos livros estarem na lista de indicação não assegura que todos serão comprados.

Para as questões: “A classificação de livros juvenis de sua biblioteca é uma classificação indicativa ou possui “aspectos” de uma? A unidade utiliza classificação indicativa por faixa etária ou por fluência de leitura? Um dos critérios para classificar o acervo juvenil é a idade dos usuários?”, Elisangela responde que não segmentam “por idade porque não teve essa demanda” e “Nas bibliotecas do Sistema Municipal a classificação que tem é essa: do I que é Infantil” e F para o Juvenil e pontua que embora alguns livros sejam infantis podem ser endereçados a leitores mais experientes.

A biblioteca possui acervo de obras audiovisuais, os DVDs são classificados com a notação de classificação DVD seguido da notação I e a Cutter do título da obra, não é utilizada a ClassInd na etiqueta nessas obras.

Elisangela pontua que um grande desafio para as bibliotecas e os mediadores de leitura presentes nesses espaços é a sensibilização dos responsáveis para trazerem as crianças na biblioteca, caso um livro não seja adequado para a faixa etária da criança, “a gente procura falar isso para o responsável”, pois “Na biblioteca nós somos ponte. [...] ponte entre o acervo e o público, inclusive, em fazer sugestões com muito tato, com muito jeito. Tentar mostrar outras possibilidades, mas é isso... É uma questão de ter muito tato, porque a gente já vive em um país que, infelizmente, há muitos não leitores”.

A biblioteca não possui documentos internos que orientam e determinam a classificação indicativa dos livros juvenis e também não utilizam documento jurídico para

³⁶ Coordenação do Sistema Municipal de Bibliotecas de São Paulo.

determinar uma classificação indicativa. A bibliotecária comenta que embora alguns livros sejam “voltados para o público infantil [...] uma criança lê e entende, embora ele tenha esse formato pro público infantil [...] na verdade, ele é muito mais para adulto. E o contrário acontece, você pega uma criança de 8, 9 anos” que tem contato com “livros que são classificados para o público adulto, [...] a criança lê, adora, consegue ler sozinha... Então é muito relativo”. Ao ser perguntada sobre a forma como lidam com “determinados livros que possuem temas polêmicos abordados em seu conteúdo”, Elisangela respondeu que já aconteceram alguns casos relacionados a livros de Literatura Infantil. Em um deles, houve uma conversa com “a equipe para tomar a decisão em conjunto e a gente optou por não tirar o livro do acervo”. Para livros juvenis, a bibliotecária não se recorda de nenhum caso parecido.

A biblioteca não possui nenhum profissional responsável exclusivamente pelo acervo juvenil. Em relação aos bibliotecários responsáveis pela catalogação, estes passam por um treinamento para executar as tarefas referentes ao processamento técnico dos acervos de todos os equipamentos que fazem parte da Coordenação do Sistema Municipal de Bibliotecas.

4.2.2 Entrevista 2: Biblioteca Escolar Particular

A segunda entrevista aconteceu em 29 de junho de 2022 com o bibliotecário Luiz Augusto Costa, responsável pela Biblioteca Abaporu do Colégio Rainha da Paz, instituição fundada em 1950. Trata-se de uma biblioteca escolar³⁷ que atende alunos da Educação Infantil ao Ensino Médio e comunidade da instituição.

O sistema de classificação utilizado pela Biblioteca Escolar é uma “CDD adaptada que [...] não está integral [...], e para literatura tanto juvenil quanto infantil, a gente tem uma classificação própria”. Para realizar a notação de autor, é utilizada a Tabela PHA, pois segundo o bibliotecário, o acervo é de grande maioria de obras de autores brasileiros, então não há “necessidade da gente incluir uma tabela Cutter aqui [...] e pensando na questão que a PHA é mais fácil tanto para nós bibliotecários, quanto também para os alunos conseguirem entender a numeração”.

O acervo é composto por livros de doações e livros adquiridos com orçamento próprio, são selecionados a partir de uma lista onde procuram contemplar “itens de assuntos

³⁷ Segundo a IFLA, a missão da Biblioteca Escolar (BE), é promover “serviços de apoio à aprendizagem e livros aos membros da comunidade escolar, oferecendo-lhes a possibilidade de se tornarem pensadores críticos e efetivos usuários da informação, em todos os formatos e meios”, ao habilitar “os estudantes para a aprendizagem ao longo da vida e desenvolve a imaginação, preparando-os para viver como cidadãos responsáveis” (1999, p. 1). Disponível em <https://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>. Acesso em 05 jul. 2022.

que sejam interessantes ao público do Rainha, pro currículo e também indicações dos próprios orientadores, direção, os próprios alunos”. Os livros adquiridos, para o bibliotecário, são mais “fáceis de incluir”, pois são demandas de pessoas da instituição: “se é livro juvenil, então a gente já sabe para que lado que tá indo, né, por exemplo foi um aluno do 8º que pediu, então muito provavelmente vai ser um livro que vai para o 8º ano”.

A biblioteca utiliza um “esquema de cores” e classificação própria para o acervo infantil (fazem uma “separação [...] por assuntos [...], por exemplo, futebol, dinossauros, Folclore”).

Para o acervo juvenil são utilizadas as classificações 1, 2 e 3 que equivalem, respectivamente, às bolinhas azul, preta e verde para alunos do Ensino Fundamental I e II acrescentados da sigla do assunto (Figuras 6 e 7), “cada uma [bolinha] tem um grupo específico que vai ser atendido com essas bolinhas e eles tem que ir de acordo. Conforme, eles vão avançando na séries, eles vão adquirindo mais competência leitora e vão avançando essas bolinhas”. Em 2017, foi criado o acervo Young Adult, direcionado para alunos a partir do 8º ano, que utiliza a notação de classificação Y/A (Figura 7).

Figura 6 - Livros de Literatura Juvenil das classificações 1 (bolinha azul) e 2 (bolinha preta)



Fonte: Nossa autoria (2021).

Figura 7 - Livros de Literatura Juvenil das classificações 3 (bolinha verde) e Y/A (Young Adult)



Fonte: Nossa autoria (2021).

Nas palavras do bibliotecário: “a bolinha azul é para [...] finalzinho do segundo ano, terceiro ano e quarto ano, [...] bolinha preta, quinto ano e bolinha verde, que é de sexto ano para cima”. Os livros Y/A (Literatura Young Adult) não possuem nenhuma identificação por cor, apenas a notação de classificação do acervo e são recomendados para alunos a partir do 8º ano (cerca de 13 anos). Há também a classificação própria dos quadrinhos, QI para quadrinhos infantis e a notação Q ou Mangá para quadrinhos direcionados para alunos a partir do Ensino Fundamental II. Os demais livros do acervo são classificados com a CDD adaptada da instituição. Em relação à classificação dos quadrinhos, o bibliotecário comenta que há uma

preocupação com os quadrinhos [...] porque tem muitos quadrinhos que tem temáticas muito fortes então, não é quadrinho tão adequado para certas idades, Então a gente fez uma divisão... que é quadrinhos de 6º ao 8º, quadrinhos de 9º ano a ensino médio, então além da gente colocar Q na primeira linha que seria a classificação, a notação do autor, a gente também coloca essa informação, coloca também obviamente a informação de volume.

Desde o ano de 2013 está ocorrendo uma “requalificação” dos critérios de seleção e aquisição de materiais. A biblioteca possui uma política de seleção e aquisição criada entre 2014 e 2015 em conjunto com a vice-direção da instituição. O objetivo da política de aquisição da BE “é deixar mais claro quais livros que a gente precisa adquirir, esses livros precisam estar de acordo com o currículo do próprio colégio, isso é importante, [...] têm que estar de acordo também com o que o colégio já costuma adotar”. Atualmente, a política de

seleção está sendo revista, pois foi iniciada uma comissão que, no primeiro momento, tinha o objetivo de “avaliação de livros antirracistas, né, porque o acervo [...] é muito antigo [...], tem novidades, claro, mas tem acervos antigos” que apresentavam “algumas imagens que não condiziam com que o colégio acredita e com o que o está adotando que é um currículo antirracista e, então, a política de seleção está sendo revista”. Com essa comissão de livros, o bibliotecário comenta que também objetivam criar “uma política de descarte porque a biblioteca infelizmente ainda não tem”.

Quanto à aquisição, os livros “são escolhidos de acordo com o que a comunidade está pedindo, a gente faz uma avaliação também se tem uma demanda forte ou se de repente tem a ver com o currículo”. Além dessa forma, recebem indicação de professores, consultam catálogos online ou físicos de editoras e listas de premiados. Já para livros juvenis, é “mais complicado”. O bibliotecário comenta sobre os livros “sob encomenda”, “a gente geralmente pede esses livros para as editoras, quando é esse tipo de livro, a gente avalia e vê, se for uma qualidade ok, [...] a gente inclui no acervo, caso contrário, não”. Além dessas listas, eles recebem indicações dos alunos oriundas das recomendações dos “booktubers” e perfis no Tik Tok. O bibliotecário pondera que a biblioteca por ter ficado fechada durante o período da pandemia, perdeu um “espaço na vida dos alunos”, principalmente do 6º ano em diante, então eles acabam adquirindo “coisas com uma qualidade um pouco às vezes duvidosa [...] para tentar alcançá-los e aí sim, a gente começa a indicar outras literaturas. Então, é importante a gente também se atentar a isso. Às vezes a gente tem que ceder um pouquinho pra poder tentar chamar esse público, né?”

A biblioteca não adquire todos os livros indicados, pois tentam realizar um acompanhamento da “evolução da leitura dos alunos” e também priorizam o que está sendo muito pedido pelos estudantes. Todos os livros da biblioteca são avaliados antes da inserção, os livros de Literatura Infantil são lidos integralmente para verificar “se não tem nenhuma inadequação ali”, já com as obras de Literatura Juvenil é feita “uma leitura técnica, está a gente lê o primeiro capítulo, segundo capítulo, eu costumo ler o final, o meio pra tentar entender”. Também procuram por resenhas ou vídeos na internet, consultam os alunos, “até mesmo quem indicou esse livro para contar um pouco mais da história”. Uma outra situação em relação à avaliação do livro é quando o bibliotecário entrega o livro para um aluno fazer essa avaliação para a BE, “dependendo do livro e do aluno também [...] A ideia é essa sempre... Essa classificação ser junto com alguém, no caso, os alunos”.

O bibliotecário responde que eles utilizam uma classificação indicativa

por faixa etária quando se trata dos quadrinhos, porque se a gente coloca uma classificação de sexta a oitavo ano a gente está delimitando que aquele público ali, daquela idade que tem que ler e a classificação indicativa seria os outros livros, os livros de bolinhas que a gente fala, as bolinhas azul, preta e verde. E aí, é essa mescla, é uma loucura quando a gente vai tentar classificar, mas ao mesmo tempo a gente tenta ser coerente com o que eles dão conta de ler.

A classificação por “bolinhas” é realizada há mais de 10 anos, o atual bibliotecário entrou na instituição em 2013 e esta classificação com uso de “bolinhas” já existia, mas não da forma como é atualmente, “mas o que eu poderia dizer é que depois de um tempo a gente aprimorou porque até então todo livro que entrava no juvenil, ele não era tão bem avaliado, ele somente entrava porque era uma doação, era um acervo que estava sendo construído sem tantos critérios e ele seguia, além dessa classificação da bolinha, [...] seguia pela ordem da PHA, da notação de autor”. No ano de 2014 quando foi realizada a mudança do acervo e as obras juvenis foram organizadas por assuntos, os alunos tiveram mais autonomia, pois conseguiam identificar mais facilmente a localização dos livros e temas que desejavam ler. “Ficou muito mais fácil, eles não têm mais essa dependência tão grande da gente”. Esse processo contou com a participação de toda a comunidade:

Uma das contribuições que eu nunca vou esquecer foi uma prateleira que surgiu de acordo com uma criança do 5º ano que falou: olha, seria legal uma prateleira só de livros baseados em fatos reais, a gente não tinha pensado nisso. A gente tem muitos livros de fatos reais, então a gente criou de acordo com o que aquela criança pediu e é uma das prateleiras de livros que saem mais livros, mais emprestados.

A biblioteca possui um acervo de “DVD's de religião, DVDs infantis, Filmes no geral e documentários. [...] Além de utilizar a própria indexação pra depois conseguir recuperar, quando é filme a gente coloca no lugar da classificação [...] a letra F para indicar que é um filme... E aí a gente organiza de acordo com a PHA que tem relação com o título sempre. Documentário, letra D [...] e os filmes de religião a gente coloca ER”. Também é acrescentado a classificação indicativa por idade: Livre, 10 anos, 12 anos etc.

Para a questão, “A biblioteca possui documentos internos que orientam e determinam a classificação indicativa dos livros juvenis?”, o bibliotecário comenta que eles precisaram “criar alguns critérios para colocar, por exemplo, por quê isso aqui é um quadrinho do 6º ao 8º ano? Porque esse aqui é um quadrinho de Nono a Ensino Médio?”, no entanto, “Esses documentos ainda [...] não estão disponíveis pro público, mas a gente tem porque essa é uma norma pra gente conseguir cadastrar esses livros [...] a gente precisa padronizar até chegar a um consenso, mas sempre é muito difícil criar esses critérios...”

Para determinar a classificação indicativa, a biblioteca “se baseia muito no repertório dos próprios alunos”, conversam e tentam entender a vivência deles. O bibliotecário

exemplifica com livros que apresentam a recomendação “indicado para maiores de 12 anos”, mas “não tem absolutamente, nada demais, [...] então são livros que são fáceis de um aluno de 8, 9 anos do Rainha [,,,] ler”. Partem da experiência leitora dos alunos para realizar a classificação, porém, em certas situações, podem “pesar a mão” ou “às vezes a gente até faz o contrário também, subestima” os leitores da unidade.

O bibliotecário comenta que quem está “fazendo o acervo” “são os grupos que frequentam a biblioteca, eles que ajudam a construir a partir do momento que a gente recebe indicações deles, que a gente confia a eles de nos ajudarem a fazer a classificação, a indexação desse material eu acredito também que é uma parceria [...], a gente só valida a questão. Eu poderia dizer que a responsabilidade é de todos”.

Não existe um profissional responsável exclusivamente pelo acervo juvenil da unidade, a equipe formada por três pessoas colaboram “cada um ao seu modo”, pois cada um têm um conhecimento prévio acerca de Literatura Juvenil. Quanto às qualificações, cursos etc. relacionados à Literatura Juvenil, a equipe visita sites de editoras e participa de eventos promovidos pelas mesmas.

Ultimamente tem surgido muito a questão étnico racial, LGBTQIA+, então como é uma demanda que está vindo e a gente ainda está nos repertoriando sobre o assunto, então a gente está de olho, às vezes um assiste e depois fala para os outros. Então sim, sim. Cursos sempre tem um curso, ora ou outra aparece, a gente tenta se atualizar, sim. É necessário mais que necessário.

Em relação a forma como lidam com livros juvenis que possam apresentar temas polêmicos, eles recorrem a conversas com os orientadores de ensino. A equipe “senta com a orientadora, conversa, mostra, geralmente ela lê o livro e a gente chega numa solução. A maioria das vezes a solução é.. o livro permanece, a gente raramente tira um livro devido a questão de ser um livro polêmico”. Ele complementa que tomam cuidado “quando são os juvenis porque facilmente temas polêmicos poderiam ser colocados na literatura adulta. Mas uma vez que eles vão para a literatura adulta, a gente está ocultando o problema, basicamente”.

Sobre críticas, o bibliotecário aponta que já receberam algumas, pois estão lidando com o público e “com a educação dos filhos dessa comunidade de famílias”. Em alguns situações, fazem “remanejamento quando a gente vê que foi um erro na classificação, por exemplo, ah, a gente achava que aquele livro era um livro tranquilo... era um livro que tinha palavrão e estava na bolinha azul, mas naquela avaliação quando a gente não lê o livro por completo, [...] a gente pode ter pulado uma cena, uma parte que falava uma coisa inadequada e aí, sim, a gente tem que movimentar esse acervo e colocar numa bolinha [...] com um grau

maior ou de repente, até mesmo tirar o livro porque às vezes é extremamente inadequado, mas tirar logo de cara, não”. Realizam uma análise, conversam com os orientadores, “a gente sempre senta e conversa e a maioria das vezes, a gente só remaneja a obra”.

4.3 Observações de outras classificações para obras de Literatura Juvenil

Como observado nas entrevistas realizadas com as bibliotecas Hans Christian Andersen e Abaporu, as classificações utilizadas por elas para os livros Juvenis apresentam uma indicação de público. Suas notações de classificação são alfabéticas numéricas (F + Cutter ou Y/A + PHA) e numérica alfabética (1, 2, 3 e abreviação do assunto).

Durante nossa pesquisa, realizamos consultas em sites de instituições escolares e bibliotecas públicas localizadas na capital e no interior do Estado de São Paulo. Algumas das bibliotecas consultadas tiveram mais destaque, pois a classificação que elas utilizam são semelhantes às empregadas pelas bibliotecas entrevistadas. Apesar de não termos realizado entrevistas com essas bibliotecas, acreditamos que elas possam contribuir para o nosso trabalho.

Na biblioteca escolar do Colégio Humboldt³⁸, a Biblioteca Arno Dreschers, identifica as obras³⁹ literárias infantojuvenis com bolinhas coloridas que “indicam” a faixa etária e nível escolar indicado para aquela obra (Figura 8). A notação de classificação apresenta a classificação 808.068 seguido da Notação do autor e volume, em alguns dos livros.

Figura 8 - Guia do Usuário



Fonte: Reprodução de tela (2022).

³⁸ Colégio localizado na Zona Sul de São Paulo (SP).

³⁹ Informações sobre a biblioteca e acervo disponíveis no Guia do Usuário, disponível em <https://humboldt.com.br/wp-content/uploads/2021/10/Guia-do-usuario.pdf>. Acesso em 31 mai. 2021

Como visto na busca feita no catálogo da unidade (Figura 9), abaixo do número de chamada está visível o termo “Tema” e a cor da bolinha que indica a faixa etária para qual aquela obra é indicada. A série “Diário de uma garota nada popular” aparece com a bolinha na cor branca, ou seja, o livro é indicado para alunos do Ensino Fundamental I.

Figura 9 - Busca no Catálogo da Biblioteca Arno Dreschers



Fonte: Reprodução de tela (2022).

Já na Biblioteca Municipal Terezinha França de Mendonça Duarte⁴⁰, situada no município de Hortolândia, São Paulo), os livros de Literatura Juvenil passaram por um processo de nova classificação. Conforme a publicação do bibliotecário, Rafael Antonio da Silva⁴¹:

Nós enquanto Biblioteca como equipamento público cultural municipal, unidade de informação nos sentimos no dever de facilitar o uso e acesso do nosso acervo. Pensando nisso, ressignificamos dois dos nossos setores mais utilizados da Biblioteca: Literatura Infantil (Sala Infantil) e Literatura Juvenil. Entendendo que números 808.899282 ou 028.5 pouco ou nada significam para nossos leitores (foco principal) subdividimos essas categorias pelos temas mais buscados e relevantes para facilitar a busca nas estantes.

As obras de Literatura Juvenil são classificadas com a Notação de Classificação: LJ + Assunto do Livro + Notação de Autor e volume, se houver. Realizamos uma busca no catálogo e listamos os assuntos da Classificação do Acervo Juvenil: Aventuras, Ciências, Diários, Distopia, Folclore, História, Histórias Românticas, Literatura Brasileira, Meninas, Poesia, Religião, Séries/Filmes, Terror e Youtubers/Games.

⁴⁰ Mais informações sobre a Biblioteca podem ser obtidas no portal da Prefeitura de Hortolândia. Disponível em <https://servicos.hortolandia.sp.gov.br/carta-de-servicos/cultura/biblioteca-municipal-terezinha-franca-de-mendonca-duarte/>. Acesso em 31 ago. 2022.

⁴¹ Disponível em https://www.linkedin.com/posts/rafael-antonio-da-silva-16507649_bibliotecamunicipal-hortolandia-hortocity-activity-6805562047330336770-5sW5/?utm_source=linkedin_share&utm_medium=member_desktop_web. Acesso em 01 jun. 2022.

Figura 10 - Prateleira da seção “LJ Terror”



Fonte: Foto de Rafael Antonio da Silva no LinkedIn (2022).

As outras bibliotecas que julgamos importante apresentar neste subtópico fazem parte do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas de São Paulo (SisEB), são elas: a Biblioteca Parque Villa-Lobos (BVL) e a Biblioteca de São Paulo (BSP)⁴² e dispõe de um sistema integrado de catálogo. A classificação das obras de Literatura Infantil a Juvenil apresenta notações de classificação alfanumérica e são fixados adesivos de cores específicas para cada livro com a recomendação da faixa etária.

Figura 11 - Funcionário da BVL com livro com o adesivo verde “Recomendação 12-17 anos”



Fonte: Divulgação.

⁴² Localizadas, respectivamente, na zona norte e na zona oeste de São Paulo (SP).

A classificação utilizada com o acréscimo da etiqueta colorida funciona como uma “maneira de indicar” para qual faixa etária a equipe de bibliotecárias(os) avalia que o livro é recomendado e assim favorece o uso mais autônomo do acervo da biblioteca.

Tabela 2 - Notações de Classificação da BSP e BVL

Infantil	Infantojuvenil	Juvenil
Letra I + Notação de Autor e Obra	Letras IJ + Notação de Autor e Obra	Letra J + Notação de Autor e Obra
Etiqueta adesiva na cor laranja: “Recomendação 0-3 anos” “Recomendação 4-6 anos”.	Etiqueta adesiva na cor lilás: “Recomendação 7-11 anos”.	Etiqueta adesiva na cor verde: “Recomendação 12-17 anos”.

Fonte: Nossa Autoria (2022).

4.4 Comentários após as entrevistas

A realização das entrevistas com profissionais de duas tipologias distintas contemplou um dos nossos objetivos e nos ajudou a vislumbrar as especificidades de cada tipologia de biblioteca em relação ao tratamento de livros de Literatura Juvenil e as similaridades entre elas.

Um dos primeiros pontos que observamos é que o processamento técnico e aquisição da biblioteca pública (BP) é realizado em uma central, os livros já chegam prontos e passam por um procedimento de colagem de etiquetas na unidade, enquanto na biblioteca escolar (BE) a equipe realiza todo o processo na instituição (seleção, aquisição, catalogação etc.). A Hans faz parte de um sistema de bibliotecas, enquanto a Biblioteca Abaporu está inserida num contexto de uma instituição particular de ensino.

Tínhamos como um dos nossos objetivos saber se existiam documentos internos nas bibliotecas que orientavam a classificação indicativa das obras juvenis. Na BE, segundo o bibliotecário, existe um documento que orienta a classificação indicativa dos livros, porém ele ainda não está aberto ao público e encontra-se em processo de criação desses critérios que irão orientar e conduzir a equipe a um consenso sobre qual classificação será utilizada para o livro, como sinaliza o bibliotecário, “por quê isso aqui é um quadrinho do 6º ao 8º ano?”.

Tratando-se da BP, a bibliotecária informou: “Não temos nenhum documento assim oficial”, porém, ao lembrarmos que a biblioteca entrevistada está inserida no Sistema Municipal de Bibliotecas de São Paulo. Ao lermos o artigo de Benatti e Salgado (2012)⁴³, compreendemos que com a criação do SMB⁴⁴, “as bibliotecas públicas e as infantojuvenis deixaram de ter públicos específicos por faixa etária e passaram a atender usuários/cidadãos de todas as idades, fazendo-se necessária uma requalificação dos acervos” (2012, p.17). Com o histórico trazido pelas autoras, foi possível visualizar uma linha do tempo do processo de informatização, desenvolvimento de coleções e processamento técnico das bibliotecas pertencentes à CSMB.

Para mantermos a padronização e a unidade entre os núcleos no processo de catalogação, criou-se a Comissão de Padronização do Tratamento da Informação do Sistema Municipal de Bibliotecas, que, além de unificar e padronizar os procedimentos, assegura o uso de normas de catalogação e classificação e do sistema informatizado de gerenciamento de bibliotecas das Unidades que compõem o SMB. (BENATTI; SALGADO, 2012, p. 22)

⁴³ BENATTI, Arlete Martins; SALGADO, Denise Mancera. “Política de Acervo, Unificação Técnica e Informatização das Biblioteca Públicas” In: **Bibliotecas Públicas: ações, processos e perspectivas**. Coordenadoria do Sistema São Paulo: CSMB, 2012. p16-23. Disponível em https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/Publicacao+CSMB+2012__1357234842.pdf. Acesso em 07 jul. 2022.

⁴⁴ O processo de reestruturação da Secretaria Municipal de Cultura (SMC) originou o Sistema Municipal de Bibliotecas.

Embora a biblioteca não disponha de um documento específico na unidade, ela está inserida em um sistema de bibliotecas que acreditamos possuir documentos oriundos da criação da Comissão de Padronização do Tratamento da Informação do Sistema Municipal de Bibliotecas após a leitura de Benatti e Salgado (2012).

A classificação terá particularidades, pois cada unidade terá objetivos e olhares para o público que atende. A BE adota um sistema de classificação para obras juvenis que procura “contemplar” os assuntos que mais interessam aos alunos, pois buscam conhecer e acompanhar bem de perto os interesses e trajetórias leitoras das crianças e adolescentes, e essa classificação por assuntos ainda é delimitada pela faixa etária ou ano escolar em que o aluno encontra-se. Enquanto na BP entrevistada as obras são classificadas do mesmo modo para todas as bibliotecas do sistema, e são disponibilizadas em uma das salas da biblioteca.

Ambas possuem acervos de obras juvenis atualizadas e cada uma, a seu modo, atendem aos gostos e interesses da comunidade que irá frequentá-la, na escolar pode ocorrer a necessidade de atender mais rapidamente aos pedidos da comunidade, já a biblioteca pública, pertencente a um sistema, precisa seguir trâmites e processamento técnico que ocorrem em uma central que é responsável pelos mesmos procedimentos para outras bibliotecas da rede.

Quanto às similaridades, em ambas as bibliotecas, o diálogo é a principal ferramenta operacional em seu cotidiano. Em casos de críticas ou polêmicas em relação a determinados livros do acervo, há conversas com a equipe da biblioteca ou outros funcionários (no caso da biblioteca escolar) sobre a permanência dos livros no acervo. Caso haja alguma inadequação no conteúdo, o livro é remanejado de uma classificação para outra, como exemplificado pelo bibliotecário da BE durante nossa entrevista. No entanto, em ambas as bibliotecas, nenhum livro é retirado do acervo prontamente após uma crítica ou reclamação, a avaliação do conteúdo da obra é realizada e um canal de diálogo é aberto.

Consideramos interessante a existência de uma modalidade de classificação compartilhada entre a BE e os estudantes, na qual eles colaboram com o processo de classificação, realizando a leitura dos novos livros, compartilhando suas impressões a respeito da narrativa e listando os assuntos que são abordados nas obras juvenis. Esse processo corrobora no processamento técnico dos livros, pois a equipe poderá identificar quais assuntos estão em evidência na obra e assim escolher a melhor “notação de classificação” para disponibilizar esse novo título para os leitores.

Segundo a ALA⁴⁵, a notação de classificação (etiquetas) funcionará nas bibliotecas como um meio sancionado “para organizar recursos ou fornecer orientação aos usuários” e essas “etiquetas” “podem ser tão simples quanto um ponto colorido ou uma fita adesiva indicando livros de referência ou ficção ou tão elaborados quanto os sistemas de números de chamada da Classificação Decimal de Dewey ou Library of Congress” (2015, online, tradução nossa). Sendo um meio sancionado, acreditamos que a classificação indicativa, deva ter seu uso reconhecido pelos leitores da biblioteca, sejam as etiquetas de idades da Biblioteca Parque Villa-Lobos, as bolinhas coloridas da Biblioteca Abaporu ou a Notação de Classificação “F” das bibliotecas municipais de São Paulo devem ser um guia para as leitoras e os leitores e também para os mediadores de leitura, na figura de seus responsáveis ou bibliotecários no processo de “indicação literária” e não um impedimento de acesso ao livro, no entanto, essa questão pode ser abordada de outra forma, quando essa “indicação” impede que o leitor (na figura de uma criança ou adolescente) leia aquele título. Essa perspectiva abre possibilidades para se pensar um estudo mais aprofundado que dê conta de discutir esse fenômeno de maneira adequada considerando todas as suas nuances.

⁴⁵ Fundada em 1876, a “American Library Association” é uma das mais antigas associações de bibliotecas do mundo. Site oficial da ALA: <https://www.ala.org/>. Acesso em 07 de jul. 2022.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi fruto da curiosidade de uma estudante de Biblioteconomia que almejava saber como os livros de Literatura Juvenil eram classificados nas bibliotecas. Inferindo que a classificação para obras literárias, principalmente as direcionadas ao público jovem, recebiam uma classificação “diferenciada” em muitas bibliotecas, traçamos como objetivo central verificar a existência de critérios que orientam a decisão e o processo de classificação indicativa de livros de Literatura Juvenil em duas bibliotecas localizadas na cidade de São Paulo.

Tratando-se de leitores de obras de Literatura Juvenil estamos nos referindo a um público específico cuja classificação e processamento desses livros pressupõe um olhar atento a algumas nuances, portanto, entendemos a “classificação indicativa” como uma notação de classificação que expressa em sua “etiqueta” o público-alvo, faixa etária ou fluência leitora do livro, sendo uma forma de indicação ou recomendação para os leitores e outros mediadores (mães, pais, professores, irmãos etc.).

A classificação de acervos literários é uma das atividades que julgamos mais importantes dentro de uma biblioteca, pois será esse o processo que determinará a localização de um título em seu acervo e consequentemente, o acesso do leitor a seu conteúdo. Algumas bibliotecas optarão por criar sistemas de classificação próprios, outras utilizarão uma classificação tradicional e colocarão notações para indicar o público para quem aquele item é recomendado. Esses elementos vão funcionar como um lembrete visual para o leitor identificar uma: recomendação, indicação de faixa etária, fluência leitora que aquele livro possui ou até mesmo restrição de uso/empréstimo.

As bibliotecas entrevistadas demonstraram que o processo de “classificação indicativa” dos livros recomendados para o público juvenil dispõe de uma certa flexibilização, pois em momentos de tensão buscam o diálogo e a reflexão entre seus pares para encontrar uma maneira de assegurar a circulação desses livros, sem que ocorra um processo de proibição. Acreditamos que a classificação indicativa não configura-se como um impedimento de acesso ao livro, pois na BP a bibliotecária pode conversar com o responsável pela criança ou adolescente e comentar que aquele livro talvez não seja adequado por sua temática, linguagem etc., na BE há um “controle” maior de qual seção o aluno poderá fazer empréstimo, mas a medida que o mesmo vai avançando ocorrem combinados e um aluno do 4º ano (que deveria retirar livros de bolinha azul) pode escolher livros da classificação do 5º ano (bolinha preta), por exemplo.

Os bibliotecários entrevistados são profissionais que realizam cursos, formações e mantêm o interesse na formação de leitores. Nesse sentido, o bibliotecário responsável por determinar a classificação de obras literárias juvenis poderá se guiar por conhecimento da comunidade leitora, documentos internos da instituição, o Projeto Político Pedagógico (quando trata-se de uma Biblioteca Escolar), política de desenvolvimento de coleções, estudos sobre Literatura Juvenil, cursos, treinamentos ou até mesmo colocar a sua vivência na determinação da classificação daquele livro, refreando a tendência de formar uma coleção de acordo e exclusivamente “com sua própria visão de mundo” ou exercendo um papel de censura na seleção e posteriores etapas de processamento técnico do livro, conforme Vergueiro (1987).

Os critérios que a pesquisa conseguiu apurar é de que as bibliotecas, cada uma restrita à sua tipologia, elegeram como notações de classificação: uma classificação mais ampla (notação F) para todos os livros classificados como juvenis e uma classificação mais segmentada (1, 2 e 3 + bolinhas adesivas) com divisão que considera assuntos/fluência leitora/faixa etária. As indicações de faixas etárias ou fluência leitora, conforme Coelho (2000), devem ser “sempre aproximativas” e no processo de mediação de leitura, o diálogo deve estar presente, pois a classificação de um livro que considera a fluência leitora + faixa etária pode já ter sido superada pelo leitor e essa classificação não deve ser considerada como uma recomendação fechada e única para quem encontra-se naquele período etário.

Acreditamos que ao classificar livros de Literatura Juvenil, a decisão de identificar os principais assuntos ou adicionar elementos visuais que identificam o “gênero”, “assunto”, “temas” favorecem o acesso à coleção pelos leitores. Esta “identificação” deve ser útil para os bibliotecários e profissionais das bibliotecas, mas também deve fazer sentido para os leitores que utilizarão aquela coleção. Do que vale uma classificação cheia de símbolos, etiquetas coloridas e assuntos colados em suas prateleiras se os leitores não se apropriarem do acervo, podendo transitar entre as estantes de forma autônoma e até mesmo recomendar livros para a biblioteca.

A escolha por uma “classificação indicativa”, classificação por temas/assuntos ou uma Classificação Decimal de Dewey devem servir como guias para os leitores, mediadores de leitura, para as famílias e não como camisas de forças ou amarras que vão impossibilitar o acesso de um leitor a um livro. A biblioteca é, para nós, um espaço dialógico e a classificação deve servir como um caminho entre os livros e os leitores e seus pares, dentro e fora da biblioteca. Possíveis impasses que podem ocorrer devido a uma classificação indicativa,

podem ser resolvidos com diálogo entre os mediadores de leitura, na figura dos bibliotecários com os leitores e/ou seus responsáveis (familiares, professores etc.).

Finalizamos nossas intenções com esse trabalho de forma positiva, muitas questões foram abordadas e acreditamos que essa pesquisa pode ser mais uma contribuição para os trabalhos relacionados ao assunto da classificação de livros de Literatura Juvenil. Concluímos que a determinação de um sistema de classificação indicativa para uma biblioteca deve incluir em sua criação e sistematização diálogo constante com a comunidade no processo de criação, adaptação e avaliação do sistema escolhido e assim como, um olhar atento no processo de mediação e diálogo entre os jovens leitores e os livros.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA CÂMARA DE NOTÍCIAS. **Câmara rejeita classificação de livros por faixa etária.** Disponível em <https://www.camara.leg.br/noticias/414588-camara-rejeita-classificacao-de-livros-por-faixa-etaria/>. Acesso em 24 set. 2020.

AGÊNCIA CÂMARA DE NOTÍCIAS. **Impressão de classificação etária em livros poderá ser obrigatória.** Disponível em <https://www.camara.leg.br/noticias/226278-impressao-de-classificacao-etaria-em-livros-podera-ser-obrigatoria/>. Acesso em 24 set. 2020.

BARBOSA, Alice Príncipe. **Classificação.** Rio de Janeiro: Instituto brasileiro de bibliografia e documentação, 1962. p. 1-25.

BARBOSA, Alice Príncipe. Classificar. In: _____. **Teoria e prática dos sistemas de classificação bibliográfica.** Rio de Janeiro: Instituto brasileiro de bibliografia e documentação, 1969. p. 13-20

BRASIL. **Classificação Indicativa: Guia Prático de Audiovisual.** Brasília: Secretaria Nacional de Justiça, 2021. Disponível em https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/seus-direitos/classificacao-1/paginas-classificacao-indicativa/CLASSINDAUDIOVISUAL_Guia_27042022versaofinal.pdf. Acesso em 19 mai. 2022

BENATTI, Arlete Martins; SALGADO, Denise Mancera. Política de acervo, unificação técnica e informatização das Bibliotecas Públicas. In: **Bibliotecas Públicas: ações, processos e perspectivas.** São Paulo: Coordenadoria do Sistema São Paulo: CSMB, 2012, p. 16-23. Disponível em https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/Publicacao+CSMB+2012__1357234842.pdf. Acesso em 07 jul. 2022.

CADEMARTORI, Ligia. A presença de Lobato. In: _____. **O que é literatura infantil.** São Paulo: Brasiliense, 2010. p. 37-44.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **PL 1936/2011.** Disponível em <https://www.camara.leg.br/propostas-legislativas/514007>. Acesso em 24 set. 2020.

COELHO, Nelly Novaes. A Literatura e os estágios psicológicos da criança. In: _____. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática.** São Paulo: Moderna, 2000. p. 32-40.

COLOMER, Teresa. **Introdução à Literatura Infantil e Juvenil atual.** São Paulo: Global, 2017.

COMISSÃO DE CULTURA. **Projeto de Lei Nº 1.936, de 2011.** Disponível em https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1126705. Acesso em 24 set. 2020.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. Breve Percurso Histórico da Literatura Juvenil. In: _____. **Literatura Juvenil: adolescência, cultura e formação de leitores.** São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012. p. 15-31

GAARDER, Jostein; HAGERUP, Klaus. **A biblioteca mágica de Bibbi Bokken**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LABELING SYSTEMS: An Interpretation of the Library Bill of Rights. American Library Association, July 13, 2015. Disponível em <http://www.ala.org/advocacy/intfreedom/librarybill/interpretation/labeling-systems>. Acesso em 04 jul. 2022.

LANGRIDGE, Derek. **Classificação: abordagem para estudantes de biblioteconomia**. Rio de Janeiro: Interciência, 2006.

LITERATURA PUC-SP. **Minicurso - Literatura Juvenil**: um olhar de descoberta - aula 1. São Paulo: LITERATURA PUC-SP, 2021. 1 vídeo (97 min). Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=Uk7cu_8sMdU&t=761s. Acesso em 24 abr. 2022

LUFT, Gabriela. A literatura juvenil brasileira no início do Século XXI: autores, obras e tendências. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea [online]**. 2010, n. 36. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2316-4018368>. Acesso em 19 mai. 2022. p. 111-130.

MORO, Eliane Lourdes da Silva; ESTABEL, Lizandra Brasil. Tratamento do livro: seleção, aquisição e organização do acervo da biblioteca. *In*: **BIBLIOTECA: conhecimentos e práticas**. Organização de Lizandra Brasil Estabel, Eliane Lourdes da Silva Moro. Porto Alegre: Penso, 2014. p. 14-41

NAVAS, D. Metaficção e a Formação do Jovem Leitor na Literatura Infantil e Juvenil Brasileira Contemporânea. **Linguagem: Estudos e Pesquisas**. Catalão-GO, vol. 19, n. 1, p. 83-95, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/lep/article/view/39889>. Acesso em: 19 abr. 2022.

PRADES, Dolores. **Livro tem idade?** Disponível em <https://revistaemilia.com.br/livro-tem-idade/>. Acesso em 24 set. 2020.

RODARI, Gianni. **A estrada que não levava a lugar nenhum**. São Paulo, Editora 34, 2016.

SAARTI, Jarmo. Fictional literature, classification and indexing. **Knowledge Organization** 46, n. 4, 320-332, 2019. Disponível em <http://www.isko.org/cyclo/fictional>. Acesso em 10 jul 2021.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Modalidades e metodologias de pesquisa científica. *In*: _____. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2008, p. 117-126.

SIMÕES, Maria da Graça. Classificações bibliográficas: sistemas precursores. *In*: _____. **Classificações Bibliográficas: percurso de uma teoria**. Coimbra: Almedina, 2011. p. 133-153.

SOUZA, Gloria Pimentel Correia Botelho de. **A Literatura Infantojuvenil Brasileira Vai Muito Bem, Obrigada!** São Paulo: DCL, 2006. p. 80 - 110.

SOUZA, Malu Zoega de. Na rota da aventura. *In:* _____. **Literatura Juvenil em questão - aventura e desventura de heróis menores**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 27-33

VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. Censura e seleção de materiais em bibliotecas: o despreparo dos bibliotecários brasileiros. *In:* **Ciência Da Informação**, 16(1). jan-jun, 1987. Disponível em <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/266>. Acesso em 07 jul. 2022.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil Brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005. p. 09-43.

APÊNDICE A - Perguntas da Entrevista

1. Qual sistema de classificação é utilizado por sua unidade?
2. Como é realizada a organização e tratamento de acervo bibliográfico?
3. Há alguma particularidade quanto aos números de chamada da sua unidade? Além da classificação, na notação de autor quais outras informações são acrescentadas ao número de chamada?
4. Qual tabela é utilizada para realizar a notação de autor? (Tabela Cutter-Sanborn, Tabela PHA...)
5. A biblioteca possui uma política de seleção e aquisição?
6. Quanto à aquisição de livros juvenis, como vocês escolhem os livros? Utilizam bibliografias, catálogos de editoras, listas de premiados pela FNLIJ, vídeos de canais do Youtube?
7. Recebem indicações de livros pelos usuários da unidade? Se sim, vocês compram todos os livros indicados?
8. Quando os usuários indicam livros juvenis, como esse material é tratado? É feita uma leitura completa da obra antes da inserção/cadastro/disponibilização ao usuário?
9. Quantas obras de literatura juvenil a biblioteca possui em seu acervo?
10. A classificação, processamento técnico, catalogação dos livros juvenis da biblioteca possui alguma particularidade em relação às outras obras bibliográficas?
11. A classificação de livros juvenis de sua biblioteca é uma classificação indicativa ou possui “aspectos” de uma? A unidade utiliza classificação indicativa por faixa etária ou por fluência de leitura? Um dos critérios para classificar o acervo juvenil é a idade dos usuários?
12. Se a resposta anterior for positiva, desde quando é realizada a classificação indicativa dos livros juvenis em sua biblioteca?
13. São utilizados elementos visuais (etiquetas coloridas, adesivos etc.) para determinar a classificação do acervo juvenil da sua biblioteca?
14. A biblioteca possui acervo de obras audiovisuais? Como esses recursos são ordenados e classificados?
15. Utilizam algum código alfanumérico para organizar esse acervo audiovisual?
16. Utilizam a classificação indicativa (filmes para 12 anos, 14 anos etc.) informada pelos produtores do DVD para classificar esses recursos, por exemplo?
17. A biblioteca possui documentos internos que orientam e determinam a classificação indicativa dos livros juvenis?

18. Conhece ou utiliza algum documento jurídico para determinar a classificação indicativa dos livros juvenis (por exemplo, a Classificação Indicativa do Ministério da Justiça ou outras)? Caso a resposta tenha sido afirmativa, a unidade utiliza os parâmetros da Classificação Indicativa (MJ) para orientar a classificação dos livros ou DVDs?
19. Como vocês lidam com determinados livros que possuem temas polêmicos abordados em seu conteúdo?
20. Vocês possuem uma comissão de biblioteca?
21. A biblioteca já recebeu críticas em relação à determinadas obras que possuía no acervo? Se sim, a obra foi remanejada? Caso a resposta seja negativa, como você agiria em uma situação dessas?
22. Saberá informar quais os responsáveis pela elaboração da classificação do acervo juvenil da biblioteca?
23. Há um profissional responsável exclusivamente pelo acervo juvenil da unidade?
24. Este profissional realiza qualificações, cursos, treinamentos de especialização quanto ao acervo juvenil ou o seu público-alvo?

APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para ser participante do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado "CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA DE LIVROS JUVENIS EM BIBLIOTECAS", da aluna do Bacharelado em Biblioteconomia, Maura Cristina Silva dos Santos, orientado pela Prof. Dra. Cibele Araújo Camargo Marques dos Santos.

Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte sobre qualquer dúvida que você tiver. Caso se sinta esclarecido (a) sobre as informações que estão neste Termo, solicitamos que preencha com seu nome completo, documento e data de assinatura do Termo.

1. O trabalho tem por objetivo verificar a existência de critérios que norteiam a decisão e o processo de classificação indicativa de livros de Literatura Juvenil em bibliotecas de duas tipologias na cidade de São Paulo.
2. Em setembro de 2021 realizamos a primeira coleta de dados via Questionário online, após a participação e respostas de bibliotecárias, coordenadores, técnicos, auxiliares entre outros, selecionamos alguns profissionais para a segunda etapa que será a realização de uma entrevista.
3. A participação nesta pesquisa consistirá em uma entrevista por plataforma online ou presencial com duração de até 2 horas. As perguntas da entrevista estão disponíveis para conhecimento nesse link:
<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSfEXS90sdc1XOX66rPQqY7qzGh64kw8Tb0xTID05CuBCdAuaA/viewform>
4. Os participantes não terão nenhuma despesa ao participar da pesquisa e poderão retirar sua concordância na continuidade da pesquisa a qualquer momento.
5. O nome do participante e da biblioteca onde atua será divulgado, caso o participante aceite, e se desejarem terão livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que queiram saber antes, durante e depois da sua participação.

Qualquer dúvida, pedimos a gentileza de entrar em contato pelo e-mail: silvasantos.mauracristina@usp.br ou pelo telefone: 11 986482382.

 acervo745@gmail.com (não compartilhado) [Alternar conta](#)



*Obrigatório

Você concorda com o termo acima? *

☐ Sim

☐ Não



Participação na pesquisa *

- ☐ ACEITO participar da pesquisa "CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA DE LIVROS JUVENIS EM BIBLIOTECAS" de Maura Cristina Silva dos Santos, aluna do Bacharelado em Biblioteconomia da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.
- ☐ NÃO ACEITO participar da pesquisa "CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA DE LIVROS JUVENIS EM BIBLIOTECAS" de Maura Cristina Silva dos Santos, aluna do Bacharelado em Biblioteconomia da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Gravação de Entrevista *

- ☐ PERMITO que minha entrevista seja gravada pela pesquisadora
- ☐ NÃO PERMITO que minha entrevista seja gravada pela pesquisadora

Transcrição da Entrevista *

- ☐ PERMITO que minha entrevista gravada seja transcrita e anexada à pesquisa
- ☐ NÃO PERMITO que minha entrevista gravada seja transcrita e anexada à pesquisa

Divulgação de Nome *

- ☐ AUTORIZO que meu nome seja divulgado nos resultados da pesquisa, comprometendo-se, a pesquisadora, a utilizar as informações que prestarei somente para os propósitos da pesquisa
- ☐ NÃO AUTORIZO que meu nome seja divulgado nos resultados da pesquisa, comprometendo-se, a pesquisadora, a utilizar as informações que prestarei somente para os propósitos da pesquisa.



Divulgação de Nome da Biblioteca e Instituição *

- ☐ AUTORIZO que o nome da biblioteca e instituição sejam divulgados nos resultados da pesquisa, comprometendo-se, a pesquisadora, a utilizar as informações que prestarei somente para os propósitos da pesquisa
- ☐ NÃO AUTORIZO que o nome da biblioteca e instituição sejam divulgados nos resultados da pesquisa, comprometendo-se, a pesquisadora, a utilizar as informações que prestarei somente para os propósitos da pesquisa.

O/A participante da entrevista tem a liberdade de deixar de responder a qualquer questão ou pergunta, assim como recusar, a qualquer tempo, participar da pesquisa, interrompendo minha participação, temporária ou definitivamente *

- ☐ ESTOU ciente.
- ☐ NÃO ESTOU ciente.

Nome Completo *

Sua resposta

RG

Sua resposta

Data *

Data

dd/mm/aaaa

Enviar

[Limpar formulário](#)

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este formulário foi criado em Universidade de São Paulo. [Denunciar abuso](#)



APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da Entrevista 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para ser participante do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado "CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA DE LIVROS JUVENIS EM BIBLIOTECAS", da aluna do Bacharelado em Biblioteconomia, Maura Cristina Silva dos Santos, orientado pela Prof. Dra. Cibele Araújo Camargo Marques dos Santos.

Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte sobre qualquer dúvida que você tiver. Caso se sinta esclarecido (a) sobre as informações que estão neste Termo, solicitamos que preencha com seu nome completo, documento e data de assinatura do Termo.

1. O trabalho tem por objetivo verificar a existência de critérios que norteiam a decisão e o processo de classificação indicativa de livros de Literatura Juvenil em bibliotecas de duas tipologias na cidade de São Paulo.
2. Em setembro de 2021 realizamos a primeira coleta de dados via Questionário online, após a participação e respostas de bibliotecárias, coordenadores, técnicos, auxiliares entre outros, selecionamos alguns profissionais para a segunda etapa que será a realização de uma entrevista.
3. A participação nesta pesquisa consistirá em uma entrevista por plataforma online ou presencial com duração de até 2 horas. As perguntas da entrevista estão disponíveis para conhecimento nesse link:
<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSfEXS9OsdC1XOX66rPQqY7qzGh64kw8Tb0xTID05CuBCdAuaA/viewform>
4. Os participantes não terão nenhuma despesa ao participar da pesquisa e poderão retirar sua concordância na continuidade da pesquisa a qualquer momento.
5. O nome do participante e da biblioteca onde atua será divulgado, caso o participante aceite, e se desejarem terão livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que queiram saber antes, durante e depois da sua participação.

Qualquer dúvida, pedimos a gentileza de entrar em contato pelo e-mail: silvasantos.mauracristina@usp.br ou pelo telefone: 11 986482382.

Você concorda com o termo acima? *

- ☒ Sim
- ☐ Não

24/09/22, 21:28

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Participação na pesquisa *

- ☒ ACEITO participar da pesquisa "CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA DE LIVROS JUVENIS EM BIBLIOTECAS" de Maura Cristina Silva dos Santos, aluna do Bacharelado em Biblioteconomia da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.
- ☐ NÃO ACEITO participar da pesquisa "CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA DE LIVROS JUVENIS EM BIBLIOTECAS" de Maura Cristina Silva dos Santos, aluna do Bacharelado em Biblioteconomia da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Gravação de Entrevista *

- ☒ PERMITO que minha entrevista seja gravada pela pesquisadora
- ☐ NÃO PERMITO que minha entrevista seja gravada pela pesquisadora

Transcrição da Entrevista *

- ☒ PERMITO que minha entrevista gravada seja transcrita e anexada à pesquisa
- ☐ NÃO PERMITO que minha entrevista gravada seja transcrita e anexada à pesquisa

Divulgação de Nome *

- ☒ AUTORIZO que meu nome seja divulgado nos resultados da pesquisa, comprometendo-se, a pesquisadora, a utilizar as informações que prestarei somente para os propósitos da pesquisa
- ☐ NÃO AUTORIZO que meu nome seja divulgado nos resultados da pesquisa, comprometendo-se, a pesquisadora, a utilizar as informações que prestarei somente para os propósitos da pesquisa.

24/09/22, 21:28

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Divulgação de Nome da Biblioteca e Instituição *

- ☒ AUTORIZO que o nome da biblioteca e instituição sejam divulgados nos resultados da pesquisa, comprometendo-se, a pesquisadora, a utilizar as informações que prestarei somente para os propósitos da pesquisa
- ☐ NÃO AUTORIZO que o nome da biblioteca e instituição sejam divulgados nos resultados da pesquisa, comprometendo-se, a pesquisadora, a utilizar as informações que prestarei somente para os propósitos da pesquisa.

O/A participante da entrevista tem a liberdade de deixar de responder a qualquer questão *
ou pergunta, assim como recusar, a qualquer tempo, participar da pesquisa, interrompendo
minha participação, temporária ou definitivamente

- ☒ ESTOU ciente.
- ☐ NÃO ESTOU ciente.

Nome Completo *

Elisangela Alves Silva

RG

29964001-2

Data *

DD MM AAAA

15 / 09 / 2022

Este formulário foi criado em Universidade de São Paulo.

APÊNDICE D - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da Entrevista 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para ser participante do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado "CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA DE LIVROS JUVENIS EM BIBLIOTECAS", da aluna do Bacharelado em Biblioteconomia, Maura Cristina Silva dos Santos, orientado pela Prof. Dra. Cibele Araújo Camargo Marques dos Santos.

Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte sobre qualquer dúvida que você tiver. Caso se sinta esclarecido (a) sobre as informações que estão neste Termo, solicitamos que preencha com seu nome completo, documento e data de assinatura do Termo.

1. O trabalho tem por objetivo verificar a existência de critérios que norteiam a decisão e o processo de classificação indicativa de livros de Literatura Juvenil em bibliotecas de duas tipologias na cidade de São Paulo.

2. Em setembro de 2021 realizamos a primeira coleta de dados via Questionário online, após a participação e respostas de bibliotecárias, coordenadores, técnicos, auxiliares entre outros, selecionamos alguns profissionais para a segunda etapa que será a realização de uma entrevista.

3. A participação nesta pesquisa consistirá em uma entrevista por plataforma online ou presencial com duração de até 2 horas. As perguntas da entrevista estão disponíveis para conhecimento nesse link:
<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSfEXS9OsdC1XOX66rPQqY7qzGh64kw8Tb0xTID05CuBCdAuaA/viewform>

4. Os participantes não terão nenhuma despesa ao participar da pesquisa e poderão retirar sua concordância na continuidade da pesquisa a qualquer momento.

5. O nome do participante e da biblioteca onde atua será divulgado, caso o participante aceite, e se desejarem terão livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que queiram saber antes, durante e depois da sua participação.

Qualquer dúvida, pedimos a gentileza de entrar em contato pelo e-mail: silvasantos.mauracristina@usp.br ou pelo telefone: 11 986482382.

Você concorda com o termo acima? *

☒ Sim

☐ Não

22/09/22, 17:42

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Participação na pesquisa *

- ☒ ACEITO participar da pesquisa "CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA DE LIVROS JUVENIS EM BIBLIOTECAS" de Maura Cristina Silva dos Santos, aluna do Bacharelado em Biblioteconomia da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.
- ☐ NÃO ACEITO participar da pesquisa "CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA DE LIVROS JUVENIS EM BIBLIOTECAS" de Maura Cristina Silva dos Santos, aluna do Bacharelado em Biblioteconomia da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Gravação de Entrevista *

- ☒ PERMITO que minha entrevista seja gravada pela pesquisadora
- ☐ NÃO PERMITO que minha entrevista seja gravada pela pesquisadora

Transcrição da Entrevista *

- ☒ PERMITO que minha entrevista gravada seja transcrita e anexada à pesquisa
- ☐ NÃO PERMITO que minha entrevista gravada seja transcrita e anexada à pesquisa

Divulgação de Nome *

- ☒ AUTORIZO que meu nome seja divulgado nos resultados da pesquisa, comprometendo-se, a pesquisadora, a utilizar as informações que prestarei somente para os propósitos da pesquisa
- ☐ NÃO AUTORIZO que meu nome seja divulgado nos resultados da pesquisa, comprometendo-se, a pesquisadora, a utilizar as informações que prestarei somente para os propósitos da pesquisa.

22/09/22, 17:42

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Divulgação de Nome da Biblioteca e Instituição *

- ☒ AUTORIZO que o nome da biblioteca e instituição sejam divulgados nos resultados da pesquisa, comprometendo-se, a pesquisadora, a utilizar as informações que prestarei somente para os propósitos da pesquisa
- ☐ NÃO AUTORIZO que o nome da biblioteca e instituição sejam divulgados nos resultados da pesquisa, comprometendo-se, a pesquisadora, a utilizar as informações que prestarei somente para os propósitos da pesquisa.

O/A participante da entrevista tem a liberdade de deixar de responder a qualquer questão *
ou pergunta, assim como recusar, a qualquer tempo, participar da pesquisa, interrompendo
minha participação, temporária ou definitivamente

- ☒ ESTOU ciente.
- ☐ NÃO ESTOU ciente.

Nome Completo *

LUIZ AUGUSTO COSTA

RG

36.773.822-3

Data *

DD MM AAAA

16 / 09 / 2022

Este formulário foi criado em Universidade de São Paulo.

APÊNDICE E - Transcrição da Entrevista 1

Hoje é 28 de maio de 2022

A entrevista é com a Elisangela Alves Silva, da Biblioteca Hans Christian Andersen que é uma... biblioteca pública

Elisangela: Pública... Isso. Temática em Contos de Fadas. É a biblioteca mais antiga da zona leste de São Paulo, inclusive, ela vai fazer 70 anos agora... Dia 09 de julho. E a gente está planejando uma mega festa que, aliás é a Hans que foi inaugurada em 1952 como a biblioteca municipal do Tatuapé, biblioteca infantil, né, e a biblioteca dos adultos era a Cassiano Ricardo

E elas foram inauguradas juntas... E a Hans já nos anos 60, foi inaugurada em 9 de julho de 52, nos anos 60 ela recebeu o nome do seu patrono, Hans Christian Andersen que é o famoso contador de histórias, escritor, autor de várias histórias importantes e em 2007 a biblioteca se tornou Temática em Contos de Fadas.

Tem um acervo que todas as bibliotecas públicas tem, porém a diferença é que, das temáticas é que além do acervo comum a todas as bibliotecas, a gente também tem um acervo que é um pouco mais voltado pra contação de histórias, pra arte narrativa, né.

Então, fica num espaço aqui. E além disso tem cursos, oficinas voltadas para contação de histórias.

Qual sistema de classificação é utilizado por sua unidade?

É a CDD. Sistema de Classificação. E essa notação que é a Cutter.

Como é realizada a organização do acervo bibliográfico?

Na maioria das bibliotecas públicas é de acordo com a sala que a gente tem, nesse espaço aqui fica o acervo para o público adulto, então, a gente tem tanto a parte de literatura, dois corredores de estantes e ali no começo seguem as classes iniciais, referências, depois vem o 00, conhecimento geral e até chegar na parte de literatura. Nessa sala outra sala fica uma outra parte do acervo infantil, além de jornais e revistas, e DVDs e também os audiolivros. E na área do castelinho fica o acervo infantil, a maior parte do acervo infantil. É que não cabe tudo nessa área do castelinho, por isso que a gente acabou precisando dividir, inclusive o acervo temático também fica nessa outra sala. Então, na maioria das bibliotecas é de acordo com o espaço físico disponível.

Há alguma particularidade quanto aos números de chamada da sua unidade? No caso, você falou que usa CDD, né?

Isso, a CDD e a Cutter.

Além da classificação, na notação de autor quais outras informações são acrescentadas ao número de chamada?

Tem algumas bibliotecas que colocam é, às vezes até algum símbolo, né, por exemplo, se é um livro de amor põe algum sinal, então, a gente recebeu uma orientação, inclusive, há um tempo atrás do Secretaria de Cultura de colocar uma classificação por tipo de literatura, se é amor, poesia, isso em várias bibliotecas, na verdade, em todas as bibliotecas do Sistema Municipal, isso é até é feito, mas na maioria são só alguns livros de literatura que recebem esse tipo de classificação pra facilitar o acesso dos leitores.

Porém, a própria CDD já tem essa classificação, se a gente for, analisar e estudar a CDD pela classificação a gente já consegue por esse tipo de gênero.

Além disso, a gente faz uma exposição dos livros que acabam de chegar...

A única, digamos assim, notação diferente que fazemos na classificação, no caso como a biblioteca é temática em contos de fadas, então a gente coloca, tem a sigla CONF nos livros de contos de fadas, se você for na biblioteca temática em música vai ter a MUS, ou na temática em cultura afro brasileira vai tá como NEGRA em cima. Ah, sim, nos livros eles recebem só um I grande e não tem classificação, é só o Cutter.

No meu trabalho, a gente está focando em Literatura Juvenil...

Então, no caso é o F que a gente usaria.

A biblioteca possui uma política de seleção e aquisição?

Na verdade, o que a gente tem é uma orientação para adotar livros mais recentes no sentido da ortografia, estar de acordo com a Nova Ortografia mas a gente acaba recebendo, na nossa biblioteca a gente abraça todos os livros... Se não for ficar aqui tem uma cesta que é do "Pegue, Leve", então a gente deixa ali no "Pegue, Leve". A gente preza muito pelo acolhimento, seja para uma doação, para uma informação, para uma pesquisa... Então, por isso a gente acaba recebendo todos os tipos. Mas o que entra mesmo no acervo é se for um livro que a gente não tenha no acervo.

Quanto à aquisição de livros juvenis, como vocês escolhem os livros? Utilizam bibliografias, catálogos de editoras, listas de premiados pela FNLIJ, vídeos de canais do Youtube?

Nas bibliotecas a gente faz as indicações para compras de livros, mas as compras vão para uma área, um setor de compras específico e esse setor faz de fato a compra. A gente faz uma lista todo mês e manda, não necessariamente vai ser comprado ou não.

Recebem indicações de livros pelos usuários da unidade? Se sim, vocês compram todos os livros indicados?

Recebemos. Algumas são que a gente mesmo sente falta aqui no acervo. mas acontece muito... A gente costuma fazer essa seleção porque tem alguns que eles indicam não corresponde à realidade da nossa biblioteca.

Quantas obras de literatura juvenil a biblioteca possui em seu acervo?

De cabeça eu não sei, mas eu consigo te passar esse relatório.

A classificação, processamento técnico, catalogação dos livros juvenis da biblioteca possui alguma particularidade em relação às outras obras bibliográficas?

Os livros vem prontos da Central. Na verdade, ele só não vem etiquetado. A etiqueta é a gente que faz aqui que gera pelo Alexandria a etiqueta. O livro já chega catalogado no Sistema. Ele sai da Lapa da Central de Bibliotecas e ele vem pra cá praticamente pronto.

Em alguns casos, quando a gente recebe doação tem algumas coisas que a gente consegue fazer daqui. Por exemplo, pego um livro da Agatha Christie, não tem aqui na Hans mas tem na Mário de Andrade, eu consigo duplicar esse livro e colocar que esse livro também tem na Hans.

O duplica é quando só muda a edição do livro e antes a gente conseguia fazer, então a gente tem que reunir esses livros e encaminhar em certos lotes para uma pessoa da nossa região que faz esse trabalho.

Isso acontece com todos os livros?

Adulto, Infantil, mesmo que seja de Contos de Fadas em todos...

A classificação de livros juvenis de sua biblioteca é uma classificação indicativa ou possui “aspectos” de uma? A unidade utiliza classificação indicativa por faixa etária ou

por fluência de leitura? Um dos critérios para classificar o acervo juvenil é a idade dos usuários?

Aqui a gente não faz isso de segmentar por idade porque não teve essa demanda.

Nas bibliotecas do Sistema Municipal a classificação que tem é essa: do I que é Infantil só que a gente sabe que embora sejam infantis são mais para adultos. Porque tem muito disso do livro não ter idade.

São utilizados elementos visuais (etiquetas coloridas, adesivos etc.) para determinar a classificação do acervo juvenil da sua biblioteca?

Só a Letra F e a Letra I para os Infantis e o CONF quando é Contos de Fadas.

A biblioteca possui acervo de obras audiovisuais? Como esses recursos são ordenados e classificados?

Sim, possui DVDs, audiolivros... Começa com DVD e o número da classificação.

Utilizam algum código alfanumérico para organizar esse acervo audiovisual?

Não.

Utilizam a classificação indicativa (filmes para 12 anos, 14 anos etc.) informada pelos produtores do DVD para classificar esses recursos, por exemplo?

Abrindo o Alexandria tem um campo de literatura infantil, infantojuvenil, adulto então mesmo para DVD eles colocam para qual público só que assim, se uma criança quiser pegar emprestado ela consegue pegar emprestado sem nenhum problema.

O que acontece na prática é que é difícil, é um grande desafio pras bibliotecas, pros mediadores de leitura é que assim, uma criança nunca chega sozinha à biblioteca, sempre chega através de um responsável. Então é uma grande dificuldade que a gente enfrenta é tentar sensibilizar esse responsável para vir com a criança, ele chegando aqui aí são outros quinhentos. Ah, esse livro aqui não é adequado para sua faixa etária, a gente procura falar isso para o responsável.

Na biblioteca nós somos ponte. A gente, assim, é ponte entre o acervo e o público, inclusive, em fazer sugestões com muito tato, com muito jeito. tentar mostrar outras possibilidades, mas é isso é uma questão de ter muito tato, porque a gente já vive em um país que, infelizmente, há muitos não leitores. Se a gente já chegar impondo, fazendo essa censura aí a gente acaba

espantando mesmo, então, a gente tem essa consciência de que não é tudo que vale, não é isso, mas por um lado, a gente tem que ir com muito jeito para fazer essa mediação.

A biblioteca possui documentos internos que orientam e determinam a classificação indicativa dos livros juvenis?

Não temos nenhum documento assim oficial.

Conhece ou utiliza algum documento jurídico para determinar a classificação indicativa dos livros juvenis (por exemplo, a Classificação Indicativa do Ministério da Justiça ou outras)?

É, eu ouvi falar mesmo sobre essa questão, mas exato a gente não faz uso e eu super concordo. como eu falei tem livros que são voltados para o público infantil e de repente uma criança lê e entende, embora ele tenha esse formato pro público infantil mas na verdade ele é muito mais para adulto. E o contrário acontece, você pega uma criança de 8,9 anos que alguns livros que são classificados para o público adulto, né, e tem a classificação da literatura, a criança lê, adora, consegue ler sozinha, então é muito relativo.

Como vocês lidam com determinados livros que possuem temas polêmicos abordados em seu conteúdo?

Como a gente lida? Já teve alguns casos...

Nossa, um recente que era um infantil da Ana Maria Machado... "O menino que espiava para dentro". Então, eu li o livro, a gente até discutiu aqui na biblioteca sobre esse livro e assim, eu confesso que não foi o livro mais feliz, ela já escreveu tanta coisa boa, não foi o livro mais feliz dela, mas eu não tirei do acervo justamente porque tinha muita procura. O "Peppa" gerou uma mega polêmica... Eu conversei com a equipe para tomar a decisão em conjunto e a gente não optou por tirar o livro do acervo porque se não a gente teria que tirar esse, teria que tirar Monteiro Lobato, qualquer polêmica a gente teria que tirar. Eu já fiz o empréstimo do "Peppa" para uma professora, aí eu pude conversar com ela nesse momento do empréstimo... Olha... "Você sabe um pouquinho desse livro..." e ela já sabia, ela pegou o livro justamente porque queria conhecer. Quem tá fazendo, atrás do balcão pode, tem essa oportunidade de fazer essa mediação.

No caso de livros juvenil, nunca aconteceu, você recorda de algum caso assim?

De livro juvenil, não estou me recordando de nenhum... Foram mais com os livros infantis. Tem um infantil, "Mamãe vai ter um bebê" que está aqui no acervo que fala sobre a concepção, mesmo, de como ter bebê. E aí um pai falou com a outra bibliotecária porque tinha algumas imagens ali e aí, enfim, o pai pediu para tirar o livro e de fato, a gente tirou, deixou na minha sala ali por um tempo e depois voltou pra estante.

Vocês possuem uma comissão de biblioteca?

Não, não temos. Na verdade, a comissão sou eu e a Neuza, que são as duas bibliotecárias.

A biblioteca já recebeu críticas em relação à determinadas obras que possuía no acervo? Se sim, a obra foi remanejada? Caso a resposta seja negativa, como você agiria em uma situação dessas?

Pergunta não realizada

Há um profissional responsável exclusivamente pelo acervo juvenil da unidade?

Então, na Lobato tem para os livros infantis que eles ficam na Biblioteca Monteiro Lobato. Daí eles catalogam os livros infantis, Sempre que é Infantil normalmente é catalogado na Biblioteca Monteiro Lobato, é a única que tem uma equipe exclusiva. Mas nas outras, não.

Este profissional realiza qualificações, cursos, treinamentos de especialização quanto ao acervo juvenil ou o seu público-alvo? Os profissionais que fazem a catalogação você sabe se eles fazem, realizam algum tipo de curso, qualificação para poder compreender melhor os livros que eles catalogam...?

Os que fazem a catalogação?

Tem treinamento que é lá no Sistema Municipal de Bibliotecas na Lapa, além da formação ter que ser um bibliotecário, tem todo um treinamento que é bem longo para eles fazerem.

Então, só na Monteiro Lobato que tem esse grupo específico que cataloga os infantis... Os juvenis, não tem ninguém, não tem um grupo focado nesse tipo de livro ainda?

Não que eu saiba, os juvenis não tem.

A Mario de Andrade e o Centro Cultural São Paulo são separados, desmembrados das outras bibliotecas, são desmembrados assim... Tem a Coordenadoria do Sistema Municipal que abarca todas as bibliotecas de bairro e as temáticas, tem a Mário de Andrade que tem seu grupo de catalogadores que é separado, o Centro Cultural idem e as de CEU é outro grupo.

APÊNDICE F - Transcrição da Entrevista 2

Hoje é dia 29 de junho de 2022 e a gente vai realizar uma entrevista com Luiz Augusto Costa da biblioteca Abaporu do Rainha da Paz. Então primeiramente para contextualizar no áudio, a Biblioteca Abaporu é uma biblioteca escolar.

1. Qual sistema de classificação é utilizado por sua unidade?

Luiz: A gente utiliza a CDD porque não tem muito sentido a gente utilizar uma CDU, por exemplo em termos... Como já foi explicitado antes é uma biblioteca escolar, mas também tem a CDD adaptada que ela não está integral aqui e para literatura tanto juvenil quanto infantil a gente tem uma classificação própria que a gente construiu ao longo dos anos.

2. Como é realizada a organização e o tratamento do acervo bibliográfico...

Primeiramente, a biblioteca ela vive de livros de doação e livros de compras, tanto que esses livros de compra são sempre selecionados a partir de uma lista tanto que a gente procura de itens de assuntos que sejam interessantes público do Rainha, pro currículo e também indicações dos próprios orientadores, direção, os próprios alunos... Então como que é feita o tratamento desse material... Esses que são compras são mais fáceis sempre de incluir. Por que são é demanda de pessoas do próprio Rainha. Então, Ah, se é livro juvenil, então a gente já sabe para que lado que tá indo, né, por exemplo foi um aluno do 8º que pediu, então muito provavelmente vai ser um livro que vai para o 8º ano porque que a gente tem toda de, no caso de bolinhas. Por exemplo, a bolinha azul aqui é para o segundo ano, finalzinho do segundo ano, terceiro ano e quarto ano, aí bolinha preta que seria quinto ano e bolinha verde que é de sexto ano para cima.

A gente também criou em 2017, se não estou enganado, o acervo Young Adult que é o jovem adulto então que é uma demanda muito específica do nono e do ensino médio, então, ele tá para esse público.

E o acervo infantil em si a gente faz tudo a separação tanto por assuntos aonde tem livros, por exemplo futebol, dinossauros, Folclore no caso mitos e lendas tanto do Brasil quanto do mundo, onde tem várias classificações e também a gente tem a parte informativa e a gente também tem a parte de Literatura Infantil geral que aí ele não é um assunto não é um temático, mas tem essa separação também que aí as crianças procuram a partir da lista do alfabeto.

Tudo mais a gente inclui todo o restante do acervo de acordo com a CDD que são os livros de pesquisa, né?

3. Há alguma particularidade quanto aos números de chamada da sua unidade? Além da classificação, na notação de autor quais outras informações são acrescentadas ao número de chamada?

Por ser uma biblioteca escolar, a gente utiliza muito o esquema de cores. Então essa questão é bem sutil, assim para as crianças tanto que tem aquela questão da... "Eu quero avançar logo, quero ir pra bolinha preta", né? O quinto ano, "Ah, eu quero ir pra bolinha verde" que já é do pessoal da manhã no sexto ano e a gente faz várias alterações, inclusive no acervo infantil. A gente acaba colocando por exemplo, quando é lendas brasileiras a gente coloca lá no classificação ao invés de colocar um LI, Literatura Infantil ou 028.5 que também é uma das denominações para dizer que é uma Literatura Infantil, a gente coloca LB e ainda coloca uma etiquetinha de determinada cor pra criança e também para gente na hora de guardar ficar mais fácil, mas também para criança bater o olho e falar: Ah, isso aqui é um livro de lendas brasileiras, ah, isso aqui é um livro de caixa alta. Porque é isso, as crianças são muitos visuais e no restante a gente acabou utilizando, por exemplo no acervo Young Adult a gente não coloca a nacionalidade, não coloca por exemplo, literatura estadunidense 813, e tem até as variações a gente sabe, 813.1, 813.2 isso quem utiliza muito é a biblioteca pública, mas não tem essa necessidade, esse nível de detalhamento porque a gente tá numa escolar. Então se fosse colocar seria só somente os três primeiros números 813 para definir literatura estadunidense mas aí voltando, a Literatura Young Adult a gente só coloca Y barra A, Young Adult.

No mais, agora a gente tem uma preocupação com os quadrinhos, Não os quadrinhos infantis, os quadrinhos em geral porque tem muitos quadrinhos que tem temáticas muito fortes então, não é quadrinho tão adequado para certas idades, Então a gente fez uma divisão que é quadrinhos de 6º ao 8º, quadrinhos de nono ano a ensino médio, então além da gente colocar Q na primeira linha que seria a classificação, a notação do autor, a gente também coloca essa informação, coloca também obviamente a informação de volume.

4. Qual é a tabela utilizada para realizar a notação de autor?

Pelo nosso acervo ser mais de 50% brasileiro, de autores brasileiros, autores nacionais não tem necessidade da gente incluir uma tabela Cutter aqui porque além dela ser um pouquinho mais complexa e pensando na questão que a PHA é mais fácil tanto para nós bibliotecários,

quantos também para os alunos conseguirem entender a numeração, né, são só três números ali e a Cutter pode ir até quatro números a opção pela PHA foi a melhor solução mesmo.

5. A biblioteca possui uma política de seleção e aquisição?

Em 2014, 2015 a gente teve uma reavaliação aí teve ajuda da vice-direção do colégio, foi bem legal, da política de aquisição e de seleção de materiais da biblioteca. O Interessante na política de aquisição é deixar mais claro quais livros que a gente precisa adquirir, esses livros precisam estar de acordo com o currículo do próprio colégio, isso é importante, eles têm que estar de acordo também com o que o colégio já costuma adotar, então materiais complementares e agora a questão da política de seleção, ela tá sendo revista porque a gente começou com uma comissão de livros e até então tinha priori a questão da avaliação de livros antirracistas, né, porque o acervo, ele é muito antigo da biblioteca, tem novidades, claro, mas tenha acervos antigos, ele apresentava algumas imagens que não condiziam com que o colégio acredita e com o que o está adotando que é currículo antirracista e, então, a política de seleção está sendo revista, ela tá sendo um pouco mais clara, não tão aberta porque se eu coloco lá... Livros com ilustrações, um exemplo, livros com ilustrações diferenciadas, tá, eu entendo que diferenciadas... uma caricatura entraria, tá, então vamos avaliar essa caricatura, essa caricatura ela tá menosprezando um grupo, ela tá reativando alguma coisa que a caricatura tem muito essa questão do humor, do tirar sarro, mas às vezes quando a gente olhava alguns livros antigos aqui, a gente se encontrava caricaturas, inclusive, de personagens negros e não era nada favorável, então a política de aquisição está sendo revista. A gente tá também pretendendo com essa comissão de livros é criar uma política de descarte porque a biblioteca infelizmente ainda não tem.

6. Quanto à aquisição de livros juvenis, como vocês escolhem os livros? Utilizam bibliografias, catálogos de editoras, listas de premiados pela FNLIJ, vídeos de canais do Youtube?

Primeiramente os livros... eles são escolhidos de acordo com o que a comunidade está pedindo, a gente faz uma avaliação também se tem uma demanda forte ou se de repente tem a ver com o currículo. Então a gente vai dando prioridade nessa escolha dos livros porque biblioteca sempre vai ter muito livro para comprar, sempre vai ter, mas aí a gente tem que colocar uma prioridade: tá tendo saída ou é só uma única pessoa que tá pedindo e de repente aquele livro não tem nada a ver com o acervo é um livro que vai ficar parado, aí a gente não não dá para comprar. Às vezes a gente tem indicação de professores, de alguns livros muito

caros aí a gente conversa e a gente chega num acordo.. Olha, talvez não seja tão interessante ter na biblioteca. Enfim, mas essa é uma das formas. Outras, a gente pesquisa nas editoras, no site das editoras. Catálogos. Elas ainda enviam catálogos físicos, mas ultimamente tem vindo bastante catálogo virtual, então facilitou bastante a vida da gente. Lista de premiados. A gente sempre tá dando uma olhada para ver, né? A gente, ainda bem, está com um acervo até que bacaninha aí, então com vários premiados... Mas quando se trata de literatura juvenil, aí a coisa é um pouquinho mais complicado porque tem muitas editoras que publicam livros juvenis, obviamente, todas publicam, mas é... esse livro juvenil, ele é um livro de literatura, um romance, eu era apenas um livro de, informativo ou ele quer passar uma coisa, o que a gente chama de livros de encomenda? Esses livros sob encomenda comenta, né? Ah... Precisamos falar sobre drogas. Então vai lá o autor convidado e escreve um livro sobre isso.

A qualidade literária dele - que ele entra muito na política lá de seleção ela é, é duvidosa, então a gente geralmente pede esses livros para as editoras, quando é esse tipo de livro, a gente avalia e vê, se for uma qualidade ok, tá falando de uma certa forma com coerência sobre o assunto a gente inclui no acervo, caso contrário, não. A gente já tira, mas o que tem bombado bastante são os livros Young Adult. Então a gente tem duas editoras que têm um potencial grande, querendo ou não, a gente vai falar da Companhia das Letras e a gente vai falar da Globo, a Globo tá com um selo, Globo Alt, com uns livros bem interessantes.

Além da gente verificar essas listas, a gente também tem as indicações dos próprios alunos, eles veem muito agora com os "booktuber", com os Tik Toks que fazem essas indicações que muito obviamente a gente já sabe que eles só estão divulgando, mas eles não estão atendendo ao qual que é o público, se atentando qual público, então muitas vezes vem criança aqui do sexto ano pedindo um livro que a gente classificou no Young Adult, então totalmente descontextualizado, né? Mas a gente acaba também pegando porque nesses últimos dois anos a biblioteca como ela ficou fechada durante um tempo, tinha uma questão de limitação de público para vir aqui, então, a gente acabou perdendo um pouco o espaço na vida dos alunos. A biblioteca perdeu esse espaço e a gente tá tentando recuperar os adolescentes de 6º ano pra cima, então a gente acaba, sim, adquirindo algumas coisas com uma qualidade um pouco às vezes duvidosa, mas para tentar alcança-los e aí sim, a gente começa a indicar outras literaturas. Então, é importante a gente também se atentar a isso. Às vezes a gente tem que ceder um pouquinho pra poder tentar chamar esse público, né?

7. Vocês recebem indicações de livros pelos todos os usuários da unidade? Vocês compram todos os livros indicados?

Não compramos todos os livros indicados, porque seria impossível. E aí não seria uma biblioteca escolar também, ela seria uma biblioteca pública e a ideia também é tentar fazer esse acompanhamento, né, a evolução da leitura dos alunos, tentar chamar comunidade, sim, de adultos tanto do colégio, quantos as famílias para poder fazer as leituras desses livros, mas comprar tudo não tem como, não é possível, não tem verba suficiente, não tem espaço suficiente, a única coisa que a gente faz é aquilo: o que é prioridade, o que está vindo muito das crianças, dos adolescentes e assim, a gente acaba dando prioridade nesses acervos e aí a gente faz a aquisição.

8. Quando os usuários indicam livros juvenis, como esse material é tratado? É feita uma leitura completa da obra antes da inserção/cadastro/disponibilização ao usuário?

Todos os livros da biblioteca a gente sempre faz uma avaliação antes pra poder incluir, primeiro para saber pra onde que ele vai. Quando se trata de Literatura Infantil, por exemplo, a gente lê o livro inteiro para saber se não tem nenhuma inadequação ali. Agora quando se trata de literatura juvenil, como são livros maiores, livros de capítulos, às vezes 400, 500 páginas aí a gente faz uma leitura técnica, está a gente lê o primeiro capítulo, segundo capítulo, eu costumo ler o final, o meio pra tentar entender. Às vezes, tem livro que é muito difícil de classificar, de indexar, então a gente acaba indo atrás de resenhas, de vídeos na internet para... Até mesmo a gente consulta os próprios alunos, até mesmo quem indicou esse livro para contar um pouco mais da história.

Isso quando não a gente dá o livro, dependendo do livro e do aluno também, a gente entrega o livro para o aluno e o aluno faz essa avaliação pra gente. A ideia é essa sempre... Essa classificação ser junto com alguém, no caso, os alunos.

9. Quantas obras de literatura juvenil a biblioteca possui em seu acervo?

Eu acho que a gente... Juvenil, acho que uns 800 livros.

10. A classificação, processamento técnico, catalogação dos livros juvenis da biblioteca possui alguma particularidade em relação às outras obras bibliográficas? Tem alguma, outra diferença, se vocês tem algum procedimento que vocês fazem, quando vocês estão fazendo a catalogação dos livros, alguma notação...

Eu posso dizer um pouco pela instituição agora no Colégio Rainha da Paz, ele sempre investiu na literatura desde quando eles são muito pequeninhos, quando eles tão no grupo de 4 anos e isso vai até o ensino médio. Então, a gente está falando de alunos que não são alunos que estão num patamar de pessoas que nunca tiveram acesso a livros. que nunca leram, então uma coisa que a gente acaba sempre utilizando quando a gente vai fazer uma classificação ou processamento técnico, enfim, a gente parte do ponto... De que leitura eles estão?

A gente encontra muito em vários livros, um exemplo muito claro que eu sempre vejo é uma edição antiga do “A Fantástica Fábrica de Chocolate” e lá tava escrito a partir de 12 anos e aqui crianças de 8 anos, 9 anos já fazem a leitura independente dessa obra. Então a gente está falando de alunos com uma expertise maior, né, com um incentivo maior, tanto da famílias quanto do próprio colégio, nós aqui também que a gente tenta incentivar, sempre eles avançarem as bolinhas, avançar na quantidade de páginas, enfim, na qualidade literária em si. Então eu acho que é só mandar as particularidades, a gente não subestima o leitor, a gente tenta não subestimá-lo. obviamente, a gente não vai reproduzir assuntos que não são pertinentes a idade, aí vou utilizar novamente aquele exemplo. Na bolinha preta, que livro 5º ano aqui, até onde me lembro não tem nenhuma temática voltada para drogas, por exemplo, por que não faz sentido ainda para eles.

6º ano em diante ainda vai ter uma pincelada, uma coisa ou outra. No 7º ano, com certeza, eles vão falar sobre esse assunto, do oitavo ano sem dúvida vai aprofundar mais ainda e isso até chegar na 3ª série do médio. Então, existe esse cuidado, a gente não subestima o leitor.

11. A classificação de livros juvenis de sua biblioteca é uma classificação indicativa ou possui “aspectos” de uma? A unidade utiliza classificação indicativa por faixa etária ou por fluência de leitura? Um dos critérios para classificar o acervo juvenil é a idade dos usuários?

É uma boa pergunta, bem complexa até... É bem difícil você classificar um livro, quando se trata pra crianças, crianças, adolescentes, enfim porque é aquilo, cada um tá em um nível de compreensão. As famílias, às vezes, já tem abertura para conversar sobre todos os assuntos, né? A gente tenta manter realmente um nível ali. O que é possível? O que é viável para atender aquele público específico. Um exemplo que eu sempre tomo: porque Percy Jackson é uma coleção de mitologia grega, porque Percy Jackson não tá na bolinha azul que é a leitura de 2º, 3º, 4º ano e ele está na bolinha preta com a leitura do quinto ano? Porque a mitologia

grega ela só vai ser aprofundada no quinto ano, então muito do que tá naquele livro, eles não vão entender se eles estiverem ali no segundo, terceiro...

Com um pouco mais de certeza, sim, a gente utiliza uma classificação. Sim, por faixa etária quando se trata dos quadrinhos, porque se a gente coloca uma classificação de sexto a oitavo ano a gente está delimitando que aquele público ali, daquela idade que tem que ler e a classificação indicativa seria os outros livros, os livros de bolinhas que a gente fala, as bolinhas azul, preta e verde. E aí, é essa mescla, é uma loucura quando a gente vai tentar classificar, mas ao mesmo tempo a gente tenta ser coerente com o que eles dão conta de ler.

12. Desde quando é realizada essa classificação, no caso das bolinhas da biblioteca? Ela acontece já algum tempo ou é uma coisa mais recente?

Eu posso falar a partir do momento em que eu entrei aqui no Rainha, no final de 2013. Desde essa época já existia essa classificação por bolinhas, mas o que eu poderia dizer é que depois de um tempo a gente aprimorou porque até então todo livro que entrava no juvenil, ele não era tão bem avaliado, ele somente entrava porque era uma doação, era um acervo que estava sendo construído sem tantos critérios e ele seguia, além dessa classificação da bolinha, ele seguia pela ordem da PHA, da notação de autor.

Isso acabava prejudicando os alunos em si porque eles ficavam extremamente dependentes da gente. Sempre vinham as turmas que é 20 e 25 crianças, todos queriam indicação. Eu quero um livro de aventuras, um livro de terror. Enfim, eles ficavam dependentes da gente porque era aquilo, às vezes tinha um livro de aventura de um lado, do mesmo, do outro lado ali, do lado mesmo tinha um de terror. E aí eles ficam dependentes, então em 2014, a gente fez a mudança do acervo a mudança no acervo que foi colocá-lo de acordo com os assuntos dos livros. E assim, depois, claro ordenou pela notação do autor. Ficou muito mais fácil, eles não tem mais essa dependência tão grande da gente. Desde 2013 teve uma requalificação, tanto os critérios de seleção, aquisição desses materiais, até mesmo pensando... A gente tá com pouco livro de Aventura, vamos pesquisar alguns livros de aventura? A partir das demandas deles, claro, mas também do acervo em si, verificar. Nossa a gente tem pouco livro de Teatro, por exemplo, e tá saindo bastante, então acho que seria interessante a gente adquirir mais livros de teatro.

13. São utilizados elementos visuais (etiquetas coloridas, adesivos etc.) para determinar a classificação do acervo juvenil da sua biblioteca?

Sim, a gente utiliza etiquetas mesmo coloridas, bolinhas tanto que aqui a gente chama: bolinha azul, bolinha preta, bolinha verde, cada uma tem um grupo específico que vai ser atendido com essas bolinhas e eles tem que ir de acordo. Conforme, eles vão avançando na séries, eles vão adquirindo mais competência leitora e vão avançando essas bolinhas. Eu posso dizer bolinha azul: grupo finalzinho do segundo ano, alunos mais competentes na leitura, né? Que já estão alfabetizado que já consegue dar conta de um livro em capítulos, por exemplo, mas não são todos os livros da bolinha azul, terceiro ano também pode aí qualquer livro e quarto ano.

Aí, a bolinha preta ela seria exclusiva do quinto ano, todavia, quem também já tem essa competência leitora lá no finalzinho do quarto ano ou está mesmo na metade do quarto ano já começa a pegar bolinha preta. E bolinha verde. A gente tem dois turnos no colégio, né, à tarde, grupos do quinto ano para baixo e de manhã sexto ano para cima, então bolinha verde seriam aqueles alunos da manhã, sexto ano para cima.

14. A biblioteca possui acervo de obras audiovisuais? Como esses recursos são ordenados e classificados?

Possuímos, sim, obras audiovisuais, no caso DVDs, tá bem em desuso, mas ainda sim, possuímos. Então como que eles são classificados? Eles são classificados em duas categorias, poderia dizer quatro: DVD's de religião, DVDs infantis, Filmes no geral e documentários. Além de utilizar a própria indexação pra depois conseguir recuperar, quando é filme a gente coloca no lugar da classificação do assunto geral, a gente coloca a letra F para indicar que é um filme... E aí a gente organiza de acordo com a PHA que tem relação com o título sempre. Documentário, letra D.

Flme infantil a gente utiliza F e a gente coloca, ele é livre, 12 anos e os filmes de religião a gente coloca ER.

15. Utilizam algum código alfanumérico para organizar esse acervo audiovisual?

Pergunta não realizada.

16. Utilizam a classificação indicativa (filmes para 12 anos, 14 anos etc.) informada pelos produtores do DVD para classificar esses recursos, por exemplo?

É super importante porque a gente não pode fugir dessa questão porque a gente está numa biblioteca escolar, a gente não pode, no caso de filmes, por exemplo, que é uma coisa visual, por exemplo, uma criança de 10 anos quer assistir um filme para 12? Você assistiu com sua

família, beleza. Mas aqui na biblioteca, não, você não pode, a gente tem essa esse filme, eu poderia até dizer uma censura, é uma censura. Então a gente precisa colocar porque depois disso pode até legalmente ser utilizado contra o colégio, enfim, não somente a Biblioteca utiliza isso, quando vai ter uma sessão de cinema ou os professores vão apresentar algum filme em sala de aula, a gente precisa deixar claro para ele que precisa verificar essa questão.

17. A biblioteca possui documentos internos que orientam e determinam a classificação indicativa dos livros juvenis?

Como biblioteca escolar, a gente tem uma CDD adaptada, obviamente, a gente também precisou adaptar demais tanto Literatura Infantil e a literatura juvenil. E obviamente, a gente precisou criar alguns critérios para colocar, por exemplo, por quê isso aqui é um quadrinho do 6º ao 8º ano? Porque esse aqui é um quadrinho de novo a ensino médio? Esses documentos ainda, eles não estão disponíveis pro público, mas a gente tem porque essa é uma norma pra gente conseguir cadastrar esses livros, se a gente não consegue, se não fica muito, ah, porque fulano de tal achava isso, porque fulano de tal achava aquilo. Então, não é interessante, a gente precisa padronizar até chegar a um consenso, mas sempre é muito difícil criar esses critérios, por isso que ainda tá um pouco cru esse documento.

A gente tem muito problema na Literatura Infantil, se caso o que que é leitor iniciante? Leitor em processo? Leitor fluente, né? Mas na literatura juvenil, a gente ainda tá criando esses critérios. Mas quem quiser ver a política de seleção, de aquisição, de desbaste de acervo está disponível no site da biblioteca.

18. Conhece ou utiliza algum documento jurídico para determinar a classificação indicativa dos livros juvenis (por exemplo, a Classificação Indicativa do Ministério da Justiça ou outras)? Caso a resposta tenha sido afirmativa, a unidade utiliza os parâmetros da Classificação Indicativa (MJ) para orientar a classificação dos livros ou DVDs?

Nesse caso, a gente se baseia muito no repertório dos próprios alunos. A gente conversa muito com eles, a gente tenta entender qual é a vivência deles, essas classificações que a gente acaba não utilizando porque às vezes não condizem com a realidade do Rainha como dito anteriormente. Às vezes, vem um livro lá tá falando indicada para maiores de 12 anos, aí quando que você vai ver, não tem absolutamente, nada demais, nada demais, então são livros que são fáceis de um aluno de 8, 9 anos do Rainha, obviamente, ler naturalmente, então a

gente utiliza realmente a partir da experiência deles, do que a gente observa, tem hora que a gente, tem hora que a gente pesa a mão, às vezes a gente pesa a mão, às vezes a gente até faz o contrário também, subestima. É um livro que não era fácil de tá ali e a gente colocou uma classificação um pouquinho superior ali porque não tem sentido, a gente achava que não tinha sentido, que era muito difícil. O bom de estar numa biblioteca respeitando as leis de Ranganathan, é isso, é um organismo em constante movimento, então a gente tá o tempo todo trocando de lugar e tá tudo bem?

19. Como vocês lidam com determinados livros que possuem temas polêmicos abordados em seu conteúdo?

Sempre quando aparece algum livro polêmico, nesse caso fala de aborto, suicídio... A gente tem muito cuidado, a gente dá uma lida e quando a gente vê que não tem repertório que a gente não vai ter estofo pra conseguir falar, Ah, esse livro é interessante, ele vai ficar, mas ele vai ficar onde? Porque a gente sempre toma cuidado quando são os juvenis porque facilmente temas polêmicos poderiam ser colocados na literatura adulta. Mas uma vez que eles vão para a literatura adulta a gente está ocultando o problema, basicamente. A gente está comprando livros juvenil para colocar no adulto? Não tem absolutamente sentido algum.

Então a gente sempre conversa com quem? Com os orientadores, a gente já tem mais ou menos um pouco ali de para que grupo que vai aquilo ali então, ah, isso tá muito na cara que é o público de catorze, quinze anos, o grupo do nono ano. A gente senta com a orientadora, conversa, mostra, geralmente ela lê o livro e a gente chega numa solução.

A maioria das vezes a solução é o livro permanece, a gente raramente tira um livro devido a questão de ser um livro polêmico.

20. Vocês possuem uma comissão de biblioteca?

O que surgiu foi uma demanda da direção devido a alguns livros que possuem uma temática fraturante e que vão contra o currículo antirracista do colégio, foi criado uma comissão para a gente discutir alguns livros da biblioteca que apresentam esses temas e a gente precisa conversar, por enquanto, ela está parada. Teve no início a participação de pelo menos um representante dos ciclos do Rainha junto com a biblioteca.

21. A biblioteca já recebeu críticas em relação à determinadas obras que possuía no acervo? Se sim, a obra foi remanejada? Caso a resposta seja negativa, como você agiria em uma situação dessas?

Já recebeu críticas, eu acho que quando está lidando com o público, como a gente está lidando com a educação dos filhos dessa comunidade de famílias, a gente sempre vai ter alguma crítica, inúmeras... Ah, esse livro está na cor do antigo, ah, esse livro é muito antigo, também tem isso. Ah, eu acho que esse livro meu filho não poderia estar lendo ou esse livro é inadequado. E, sim, a gente faz o remanejamento quando a gente vê que foi um erro na classificação, por exemplo, ah, a gente achava que aquele livro era um livro tranquilo, era um livro que tinha palavrão e estava na bolinha azul, mas naquela avaliação quando a gente não lê o livro por completo, não lê o livro na íntegra o juvenil, a gente pode ter pulado uma cena, uma parte que falava uma coisa inadequada e aí, sim, a gente tem que movimentar esse acervo e colocar numa bolinha a mais, com um grau maior ou de repente, até mesmo tirar o livro porque às vezes é extremamente inadequado, mas tirar logo de cara, não, a gente não tira o livro logo de cara, a gente faz toda uma análise, a gente conversa com os orientadores dependendo da situação, se for muito grave, mas esse tipo de censura, por parte da comunidade, a gente não acata logo de cara, a gente sempre senta e conversa e a maioria das vezes, a gente só remaneja a obra.

22. Saber informar quais os responsáveis pela elaboração da classificação do acervo juvenil da biblioteca?

Muito provavelmente, os bibliotecários anteriores que vieram e a gente só continuou. É muito importante, a gente pontuar essa questão que o acervo está em constante transformação, a gente vai remanejando, ah, talvez seja voltar pra bolinha azul, vai pra bolinha preta, enfim, mas retomando um histórico, quando a gente estava em 2014, 2015 a gente fez toda a mudança do acervo juvenil, a gente se baseou no que elas pediam, o acervo temático, no caso. Livro de bolinha azul, mas eu quero de terror... Então, vamos criar uma prateleira só de terror, vamos criar uma prateleira de aventura. Uma das contribuições que eu nunca vou esquecer foi uma prateleira que surgiu de acordo com uma criança do 5º ano que falou: olha, seria legal uma prateleira só de livros baseado em fatos reais, a gente não tinha pensado nisso. A gente tem muito de fatos reais, então a gente criou de acordo com o que aquela criança pediu e é uma das prateleiras de livros que sai mais livros, mais emprestados. Eu poderia até dizer que, no fundo, quem tá fazendo esse acervo são os grupos que frequentam a biblioteca, eles que ajudam a construir a partir do momento que a gente recebe indicações deles, que a gente confia a eles de nos ajudarem a fazer a classificação, a indexação desse material eu acredito também que é uma parceria conjunta, a gente só valida a questão. Eu poderia dizer que a responsabilidade é de todos.

23. Há um profissional responsável exclusivamente pelo acervo juvenil da unidade?

Não, não existe. As três pessoas que trabalham na biblioteca têm um conhecimento prévio, cada um ao seu modo.

24. Este profissional realiza qualificações, cursos, treinamentos de especialização quanto ao acervo juvenil ou o seu público-alvo?

Como eu disse anteriormente, a gente visita muitos sites de editoras e, sempre, vira e mexe, tem alguma editora que está promovendo algum evento literário.

Ultimamente tem surgido muito a questão étnico racial, LGBTQIA+, então como é uma demanda que está vindo e a gente ainda está nos repertoriando sobre o assunto. Então sim, sim. Cursos sempre tem um curso, ora ou outra aparece, a gente tenta se atualizar, sim. É necessário mais que necessário.